

BABEL FELIZ

Liliane Neves
Reinaldo Lima
Victor Branco
(Orgs.)

 Pedro & João
editores

**GRUPO ATOS
UFF**

BABEL FELIZ

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Grupo ATOS UFF [Orgs.]

Babel feliz. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 130p. 16 x 23 cm

ISBN: 978-65-5869-931-6 [Digital]

1. Educação. 2. Linguagem. 3. Multilinguismo. I. Babel Feliz.

CDD – 370

Capa: Babel Feliz, Colagem Digital, Maria Letícia Miranda, 2020

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2022

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Liliane Neves, Reinaldo Lima e Victor Branco	
APÓLOGO. VIVA BABEL!	8
Augusto Ponzio	
PREFÁCIO	14
Marisol Barenco de Mello	
BABEL FELIZ	17
Maria Letícia Miranda	
BABEL FELIZ, MAIS UMA VEZ	18
Márcia de Souza Menezes Concencio	
CARTA DA SUB-PROFESSORA FERNANDA	33
Márcia Fernanda Carneiro de Lima	
CRIAR NA LINGUAGEM	41
Miza Carvalho	
O MERGULHO DE KATJA	51
Ana Elisa Al'San	
CRIADA EM CAMETÁ/PA	54
Helen Dias	
NENIU SCIAS PAROLI ESPERANTON	56
Reinaldo Ramos da Silva	

DITO QUE SE COMUNICA 59
Georgine Botelho Tostes

YÚ 60
Victor Branco

A CUIA 64
Angélica Domingas

ABRAÇOS E COTEJOS 66
Daniele Fontam do Nascimento Cerqueira

TEXTOS SÃO TAMBÉM PESSOAS 73
Minna Gondim Marques Rodrigues

PAUSA PARA UMA DANÇA 78
Denise Lima

LIVREMENTE LIVRE 87
Alan Silus

PENTECOSTES FELIZ 100
Natália Abreu

“POR UMA EDUCAÇÃO PARA A LINGUAGEM NA ESCOLA” 106
Leandro Faber Lopes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 124

AUTORAS E AUTORES 126

APRESENTAÇÃO

Liliane Neves, Reinaldo Lima e Victor Branco

Este livro surge como culminância das atividades finais da disciplina “Processos Cognitivos e Educação para a Linguagem” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, ministrada pela professora doutora Marisol Barenco de Mello no primeiro semestre de 2021, período em que o mundo vivia a pandemia provocada pelo vírus SARS-COV-2 e provocou o isolamento social de milhões de brasileiros. De maneira remota, com o uso de uma plataforma de comunicação virtual, a proposta foi realizar a leitura conjunta do livro “Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem” de autoria do professor e filósofo italiano Augusto Ponzio, às terças-feiras, das 14h às 17h.

O professor Augusto Ponzio é um grande filósofo do nosso tempo e que temos tido o prazer e privilégio de ouvi-lo para além de suas obras escritas. Como leitor da filosofia bakhtiniana tem nos aproximado de uma compreensão dos aspectos da linguagem que ampliam a noção tão difundida que a define como um código. E neste livro, ao relacionar as concepções filosóficas da linguagem ao currículo e ensino nas escolas italianas, nos provoca em questões críticas do ensino das línguas e linguagens nas escolas brasileiras.

No livro Livre Mente, Augusto dialoga com a semiótica de Sebeok e com a respectiva leitura de Marcel Danesi dessa perspectiva semiótica. Para tais autores, a semiótica se ocuparia dos estudos das capacidades de modelação nas diferentes formas de vida, sendo a modelação um sistema empregado pelo organismo para simular algo de maneira espécie-específica. A semiose seria, nesse sentido, a capacidade de cada espécie de organizar e decodificar os inputs perceptivos de forma singular. No ser humano, a modelação estaria articulada em três sistemas, o primário (a linguagem), o secundário (falar) e o terciário (formas abstratas de modelação).

O sistema primário de modelação humana seria a linguagem desenvolvida antes de suas funções comunicativas no decurso do processo

evolutivo humano. Nessa perspectiva, apenas nas formas arcaicas do homo sapiens, o falar, como sistema secundário, teria surgido.

A linguagem caracteriza-se como dispositivo de modelação caracterizado pela sintaxe ou sintática que dota o ser humano de combinar uma quantidade finita de signos de forma infinitas e variadas. E na relação entre a linguagem e o falar, as capacidades verbais e não verbais desenvolveram-se, manifestando na espécie humana a sua capacidade de criar e recriar mundos, chamado por Peirce de "jogo do fantasiar".

A linguagem, portanto, é a capacidade especial do ser humano para (re)criar mundos diversos. Apenas o humano é dotado desta capacidade. A relevância desta perspectiva para o ensino e a formação é de caráter metodológica, segundo Ponzio. A capacidade de aprendizagem estaria no centro das atividades pedagógicas, mais fundamentalmente do que o ensino das matérias.

A partir desta ideia de linguagem, a educação escolar é afirmada, de forma mais ampla, como um lugar de encontro de textos. A própria escola é um texto. Educadores e educandos seriam, nesse sentido, textos, pontos de vista distintos, singulares e insubstituíveis que enxergam o mundo de seus lugares concretos.

O plurilinguismo, abordado pelo professor Augusto como a definição das relações entre uma língua e outra e a multiplicidade de linguagens nestas línguas provoca a necessidade de uma proposta de educação pluridiscursiva dialogizada, que enfoque na diversidade e pluralidade das relações diretas e indiretas dessas linguagens em num encontro de textos alteritários e abertos ao diálogo, às tensões, aos conflitos e às articulações. Sem priorizar esta ou aquela linguagem ou submeter todas ao mesmo sistema de compreensão e ensino, a proposta é que seja dialogizada. Os conceitos de escuta, de leitura e de escritura como compreensão respondente são fundamentais para pensar essa educação pluridiscursiva dialogizada.

As compreensões que o professor Augusto Ponzio traz estão relacionadas ao ensino da linguagem na Itália; na disciplina, em nossas discussões, contextualizamos tais questões em relação ao ensino de língua e linguagens nas escolas brasileiras. Trabalhar a linguagem como língua, em seu aspecto puramente formalista, reduz o escopo de como as crianças em sua singularidade podem interagir com ambas reciprocamente.

Como proposta final da disciplina, e depois de todas as provocações que ela causou, a professora Marisol Barenco propôs ao grupo a produção de textos que trouxessem as discussões sobre a linguagem para uma escritura provocadora, onde cada um pudesse enunciar em resposta às tantas questões estudadas no semestre. Assim, textos em diferentes linguagens foram criados: imagéticos, dissertativos-argumentativos, cartas e narrativas. Cada autora e autor de seu lugar único, em resposta, trouxe a esta arena de manifestação da palavra viva e em relação, o seu texto autoral, discutindo questões de alfabetização e de educação da linguagem e para a linguagem, elaborando críticas às maneiras mortificadoras de lidar com a capacidade criativa das crianças. Narrativas com memórias também ocuparam este lugar, fazendo-nos navegar em experiências singulares de família e também menipeias, gênero muito antigo onde, na linguagem é possível construir relações e reunir forças que estão espalhadas na vida, através da compressão do tempo e/ou espaço, deram forma às reflexões sobre conceitos de escuta, leitura, escritura, pluridiscursividade e compreensão respondente na perspectiva do professor Augusto Ponzio.

O livro reúne textos singulares e provocadores, que respondem e estão em resposta em linguagens que no diálogo estão sem hierarquia de valor, como o plurilinguismo que o professor Augusto Ponzio trata no livro *Livre Mente* estudado pelo grupo. Os textos dialogam em sua diversidade e diferença e a escolha do gênero por cada autor e autora compõe o seu enunciado como tom *emotivo-volitivo* e não é uma alegoria. Em uma manifestação de múltiplas vozes, o ajuntamento de autoras e autores que enunciam em resposta e abertura na linguagem é lugar de alegria que nos aponta que a língua é potência e poder que junta e não separa em relação e resposta.

APÓLOGO. VIVA BABEL!¹

Augusto Ponzio

Outrora todos os homens falaram somente uma língua.

Esta língua permanecia a mesma para todas as gerações e em todas as idades. O que os ancestrais haviam vivido, aquilo de que tinham experienciado, estava marcado nas palavras dessa língua. E as novas gerações, que foram forçadas a usar somente ela, não poderiam ter outras experiências além das mesmas de seus pais. Tudo o que os homens diziam já havia sido dito. Quando os homens se mudaram para um lugar diferente daquele onde seus ancestrais haviam morado, eles não podiam dizer as coisas novas que viam. Havia animais, plantas, minerais, fenômenos climáticos que não tinham nome em sua língua. Para falar sobre isso, era necessário usar as palavras antigas, que, no entanto, sendo a língua sempre a mesma, não assumiam novos significados em relação às novas experiências. Então acontecia que eram as novas experiências que tiveram que se adaptar às antigas palavras. Assim, se os homens encontravam gelo pela primeira vez em sua migração, eles tinham que usar uma palavra de seu repertório linguístico para significar essa coisa nova, escolhendo, por exemplo, ‘água’ (porque viam o gelo derreter e se tornar água) ou ‘pedra’ (porque o gelo é duro como uma pedra) ou ‘frio’ etc.

Mas isso não queria dizer que a mesma palavra agora significava duas coisas. O significado continuava sendo o antigo, e no final das contas o gelo não era nada além de água, ou nada além de pedra. Então, os homens acabavam não percebendo as diferenças entre o que sua língua dizia e o que viam de novo. Alguém queria dizer que viu um elefante, mas ele tinha que dizer ‘camelo’, porque na língua o encontro com um elefante não estava previsto. Não apenas ele não podia expressar aos outros o que via, mas nem mesmo a si próprio, e ele mesmo acabava acreditando que o elefante não passava de um camelo.

Os homens monolíngues nunca se surpreendiam com nada: todas as experiências já tinham sido feitas antes, nunca havia nada de novo. Esses homens ficavam muito entediados. Mas o tédio não era o único

¹ O apólogo aqui traduzido faz parte do livro *Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem*, de Augusto Ponzio, em seu capítulo IV, A Questão Babel.

inconveniente. Os equívocos e as incompreensões estavam ficando a cada dia maiores e numerosos. As situações eram constantemente novas e diferentes (ainda mais porque esses homens, sem saber como cultivar a terra, eram forçados a mudar de lugar quando tudo o que uma determinada região oferecia naturalmente havia sido consumido), enquanto as palavras eram sempre as mesmas. Frequentemente os equívocos na comunicação e a ilusão de encontrar-se diante da “coisa habitual” (um elefante era o camelo de sempre, o gelo era apenas a mesma pedra) tinham dado lugar às desgraças. Por exemplo, um dia um pastor encontrou um lobo pela primeira vez e, não tendo uma palavra para indicá-lo, pediu ajuda a seus companheiros gritando: “Cordeiro! Cordeiro! “, e ninguém veio.

Mas não somente a respeito das coisas novas as palavras eram limitadas. Mesmo para as coisas que os homens já haviam experimentado, as palavras conseguiam expressar apenas alguns aspectos, sempre os mesmos; além disso, levando a acreditar que as coisas não tinham outro aspecto além daqueles expressos pela língua.

O conhecimento dos homens monolíngues era, portanto, muito limitado e, o que é pior, eles (pelo menos não até que os inconvenientes do monolinguismo se tornassem cada vez mais numerosos e evidentes) não se davam conta. Se eles tivessem uma outra língua ou se, pelo menos, sua língua não fosse algo tão compacto e homogêneo, mas apresentasse variedades linguísticas internas, teriam percebido que a realidade era muito mais rica e complexa do que como aquela única língua a apresentava.

Todavia, os homens não eram tão obtusos e obstinados (ainda que alguns fossem propriamente assim) na aceitação da visão de mundo que a língua lhes impunha, para não advertir, com o passar do tempo, que muitas coisas não podiam ser ditas.

Cada homem então começou a se sentir cada vez mais isolado dos outros. Falava cada vez menos, porque aquilo que era capaz de expressar em palavras, ele mesmo sentia como estranho, distorcido, redutivo, equivocado.

As experiências, necessidades, desejos que não tinham expressão verbal eram cada vez maiores. E uma vez que é através das palavras que se toma consciência dos próprios vivências e das próprias exigências, essa consciência se tornava cada vez mais restrita, enquanto se alargava o campo das necessidades e experiências das quais os homens não tinham consciência.

Vocês também devem saber que os homens monolíngues eram muito sérios, eles nunca riam. Pode-se dizer que eles não tinham senso de humor. Eles nem sabiam o que é comédia. Isso sempre por causa da língua. A língua deles, sendo algo uniforme e compacto (uma única língua, de fato), não possuía, como, pelo contrário, nossas línguas, diferentes linguagens internas, incluindo aquela coloquial, familiar ou a linguagem “vulgar”, tão ricas em humor e em tons brincalhões.

Mas ainda tem mais. Naquela língua, faltava a possibilidade do duplo sentido, pois cada palavra tinha um significado único, sempre o mesmo, diferentemente de nossas línguas em que as palavras mudam de significado de acordo com as situações, dos escopos comunicativos e dos ofícios das pessoas que as utilizam. Agora, como se sabe, o duplo sentido é uma parte importante da comédia. Quando existem muitas linguagens, uma palavra, que em uma tem um significado, adquire outro totalmente diferente em outra linguagem; e, se esse fato for bem usado, fazendo surgir inesperadamente outro sentido onde parecia haver apenas um, pode-se obter efeitos cômicos. Histórias engraçadas, piadas, expressões espirituosas costumam usar um duplo sentido para fazer as pessoas rirem. Pois bem, os homens monolíngues, com sua linguagem única, não tinham nem mesmo a oportunidade de contar piadas ou histórias engraçadas, ou de gozar de si mesmos ou de fazerem paródia.

Com o passar do tempo os homens perceberam que quanto mais se deslocavam pela terra, mais se deparavam com situações e coisas para as quais não tinham palavras. Quanto mais eles ocupavam novos espaços na superfície terrestre, devido ao aumento da população, mais se encontravam em situações em que a língua não era adequada para expressar o que viam ou notavam. Então, como fazer para deixar de encontrar novos lugares e ter sempre tem as mesmas coisas, de modo a poder comunicar com a sua língua?

O céu era a única coisa que, em seus deslocamentos, estava sempre presente, a única coisa constante. Por que então – em vez de se estender horizontalmente na superfície da Terra, à medida que a população crescia, e deslocar-se de um lugar para outro – não parar no mesmo lugar e fazer a população se estender em sentido vertical, em direção ao céu? Uma torre! Aqui está a solução! Então eles decidiram construir uma cidade em forma de torre que se expandisse cada vez mais, subindo ao céu. E assim fizeram. Com

tijolos queimados e betume, eles construíram uma torre altíssima, com vários andares, em forma de pirâmide.

Com aquela vista, Deus pensou que os homens queriam invadir o céu, como fizeram os Titãs quando tentaram a ascensão do Olimpo.

Ele então tentou impedi-los. E para fazer isso, decidiu descer à terra e confundir a linguagem dos homens, de modo que, em vez de apenas uma língua, houvesse muitas línguas e, dentro de cada língua, muitas linguagens diferentes (diferentes para gerações, profissões, classes sociais, situações comunicativas, etc.).

Para um Deus, o que é dito é imediatamente feito: os homens começaram a falar diferentes línguas e linguagens que, dia após dia, se tornaram cada vez mais numerosas. Os homens então deixaram a torre e se espalharam por toda a terra: não se sentiam mais constrangidos no horizonte estreito daquela única língua originária, e não fazia mais sentido, portanto, estarem amontoados naquela pirâmide de tijolos.

Agora eles poderiam ir para novos lugares, com diferentes línguas e linguagens, adequadas para expressar novas experiências. Um povo que gostava de viver na neve podia ter muitas palavras diferentes para expressar os diferentes aspectos da neve, os diferentes modos de nevar; enquanto um outro povo, para quem a neve era uma coisa rara, podia ter um único vocábulo para dizer neve e, em vez disso, muitas palavras para expressar os aspectos das coisas com as quais estavam continuamente em contato.

Mesmo que um homem conhecesse apenas uma língua, o fato de haver tantas linguagens no interior dela lhe permitia nunca identificar-se totalmente com somente uma delas, de não ser monolíngue no sentido em que era antes. Além disso, dada a contínua transformação da língua, o falante não se identificava mais com a tradição, com as experiências passadas; as palavras sempre expressavam novos significados e assim se adaptavam a situações e experiências sempre diversas.

As palavras agora eram plurivocais, não mais rígidas em seu significado, mas flexíveis, dúcteis. Exatamente por esse motivo, a comunicação agora se tornava possível, e a esfera das próprias experiências e da própria consciência se alargava.

Cada língua não era, ao contrário da língua original, algo de fechado e autossuficiente: sofria (de maneira mais ou menos forte de acordo com as

situações) a influência das outras línguas e se enriquecia continuamente não apenas com seus vocábulos, mas também com seus pontos de vista diversos. Portanto, mesmo que um falante vivesse no horizonte de apenas uma língua, recebia, por meio dela, a influência das experiências expressas em outras línguas.

Era como se o espaço tivesse se ampliado. Mas mesmo o modo de viver o tempo não era mais único: havia um tempo diferente para cada língua. Alguns homens tinham condições de passar de uma língua a outra, e era como se viajassem em mundos diferentes.

À medida que as linguagens das profissões cresciam, a capacidade de conhecer e transformar as coisas se desenvolveu. Novas ferramentas foram inventadas, com seus nomes específicos, também relativos, também, às suas partes singulares, nomes que enriqueceram o patrimônio linguístico de cada comunidade.

E se podia nomear todos os diferentes animais e plantas, os diferentes tipos de conchas, cogumelos, borboletas ... Além disso, quantos nomes geográficos! Cada vale, cada montanha, cada lago, cada mar poderia ser chamado e também chamado com nomes diferentes, de acordo com as diferentes línguas.

E se podia brincar com palavras. Não havia mais uma única língua, séria e sagrada. Toda linguagem, todo discurso, poderia ser imitado, ridicularizado. As palavras tinham um duplo sentido, o que as impedia de vaguear rígidas e inanimadas: sempre havia a possibilidade de um deslize que provocava o riso.

Como Deus considerou o efeito do que ele acreditava ser um castigo, a Bíblia não diz. “Viva, viva!”, gritaram os homens em todas as línguas enquanto abandonavam a torre, que agora ecoava com acentos diferentes. “Viva Babel feliz!”. E mulheres e homens, crianças e idosos desciam lentamente da torre circular, cantando diferentes canções em línguas diferentes, dançando de mil maneiras diferentes, tocando mil instrumentos diferentes e com ritmos diversos, vestindo trajes com mil formas diversas. Juntamente com a multiplicação de línguas, as linguagens não verbais também se multiplicaram: tantas danças diferentes, tantas músicas diferentes, tantas roupas diferentes.

Daquele dia em diante, muitas tentativas foram feitas para restaurar a antiga situação do monolinguismo.

As línguas “sagradas” reivindicaram sua superioridade sobre as línguas “profanas”. As línguas “cultas” e as linguagens “altas” foram contrastadas com as línguas “vulgares” e as linguagens “baixas”. As línguas que se afirmaram como línguas nacionais sufocaram outras línguas, como “dialetos” ou “línguas minoritárias”. Alguns povos impuseram sua língua a outros. Uma classe forçou outra classe a silenciar. O mesmo aconteceu com os homens em relação às mulheres, impondo sua visão das coisas com sua linguagem.

Mas a multiplicidade de línguas, linguagens, significados, pontos de vista, em vez de reduzir, aumentou cada vez mais, e a situação do monolinguismo pré-babélico é – felizmente! – cada vez mais distante.

Sobre essa questão, podemos ser otimistas; como o foi Giacomo Leopardi que, em uma hipótese semelhante, muitas vezes almejada na história do pensamento, já havia refletido no Zibaldone:

Uma língua desse tipo, qualquer que fosse, certamente deveria ser necessária e, por sua natureza, a língua mais escrava, pobre, tímida, monótona, uniforme, árida e feia, a mais incapaz de todos os tipos de beleza, a mais imprópria para a imaginação, e a menos dependente dela, na verdade a mais desarticulada em todos os sentidos, a mais exangue, inanimada e morta, que se possa imaginar; um esqueleto, mais uma sombra de língua do que uma linguagem verdadeira, uma língua que não está viva, ainda que fosse por todos escrita e universalmente entendidas; de fato, muito mais morta do que qualquer língua, que não é mais falada ou escrita. Mas pode-se esperar que, pelos homens serem já, geralmente, súditos doentes, impotentes, inertes, desanimados, lânguidos e miseráveis da razão, no entanto, eles nunca se tornarão escravos moribundos e algemados da simetria. E quanto a essa parte de uma linguagem qualquer estritamente universal, não se pode esperar muito, mas com firmeza e segurança prever que o mundo nunca será geometrizado (Zibaldone, pp. 3253-3254 (do autógrafo), 23 de agosto de 1823).

Tradução de Marisol Barenco de Mello

PREFÁCIO

APRENDER BABEL

Marisol Barenco de Mello

Devemos começar esse livro com uma saudação a todos aqueles que, como Augusto Ponzio, têm seu território de luta nas Linguagens. Professoras e professores das redes públicas de ensino brasileiro, também nós seguimos seus passos. O professor Augusto Ponzio escreve o livro *Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem no início do século XXI*, no calor das mudanças que os estados europeus propunham, mudanças essas que tinham na concepção de linguagem nos sistemas educativos uma forte tendência de ordem produtivista e formalista, voltada para os interesses do mercado e do consumo. Sua contrapalavra se deu na advertência forte que esse livro representa: o empobrecimento de uma perspectiva monolíngue e funcionalista da linguagem é o empobrecimento da experiência viva da cultura e do mundo.

Para nós, que trabalhamos na construção de uma ideia de relação educativa que compreende o valor da vida humana como o centro ético-estético de toda linguagem, principalmente a partir da Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, pensar o plurilinguismo é pensar as possibilidades de uma educação libertária. Leopardi, citado por Augusto Ponzio ao final de seu apólogo, afirma com firmeza: por mais que se tente um suposto retorno a qualquer ideário de mundo em que uma única língua e uma única cultura possam reger a toda a humanidade, por mais que se pense inclusive que os anos de submissão às linguagens mecanicamente ensinadas e experimentadas possam ter tornado os humanos escravos moribundos da simetria, por mais que as perspectivas educacionais tenham submetido as infâncias e juventudes a pensar que as

linguagens são uma e única língua, e que essa é feita de momentos desarticulados das enunciações da vida, ainda assim pode-se com firmeza e segurança prever que o mundo nunca será geometrizado (LEOPARDI apud PONZIO, 2020).

Em março de 2020 eu e Marcus Vinícius Oliveira terminamos e publicamos pela Pedro & João Editores a tradução desse livro tão importante a nós, e foi justamente o tempo em que estivemos isolados pelas medidas sanitárias devido a pandemia de Coronavírus (COVID-19). Passamos o ano de 2020 juntos, nós e Augusto Ponzio, dialogando a três na tradução do italiano ao português. Imediatamente após o lançamento do livro propus uma disciplina, para os estudantes da pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF, para lermos juntos o *Livre Mente*. O grupo Atos precisava ler e discutir o livro, mas eu precisava reler em coletivo tudo o que de modo lento precisamos digerir das teorias e críticas que Augusto Ponzio aponta, para a sua Itália, traduzindo agora essas teorias e críticas ao nosso contexto educacional e de pesquisa brasileiro. De modo remoto cursamos um semestre de leituras e muitas conversas. Os autores desse presente livro foram os estudantes que, comigo, leram Augusto Ponzio e juntos pensamos nosso mundo.

Com a mesma fé de Leopardi de que jamais será geometrizado esse mundo, encontrando as forças libertárias nos movimentos sociais, estudantis, docentes, nas artes visuais, dramáticas, musicais, poéticas e literárias, nas perspectivas de pesquisa que fundam cotidianamente ciências outras, nos agarramos a essa convicção ao compreender que, nas linguagens, quanto mais múltiplas e diferentes sejam, maiores as forças contraditórias movimentam as forças estabilizadoras. Com a mesma historicidade de Bakhtin de que nos gêneros discursivos encontramos as forças poéticas capazes de transformações e

renovações, e principalmente que nas linguagens não oficiais movimentam-se as contrapalavras aos sistemas mais áridos e totalitários que possam eventualmente se erigir, vasculhamos a vida cotidiana em busca dos índices de valor contraditórios presentes em cada encontro dialógico, mesmo que muitas vezes baseado em violência da palavra e do ato. Nesse embrenhar-se, plenos de confiança nas belezas humanas, encontramos muitas histórias, muitas teorias, muitas contrapalavras vivas e fortes.

Vivi, com os estudantes e pesquisadores, um semestre de alegria. Ao final, criamos discursos como apólogos muitos: à beleza, às artes, à poesia, às infâncias brasileiras, às professoras e professores brasileiros, às múltiplas linguagens em formação, em gestação nesse mundo que não cessa de abrir-se, cada vez que dois ou mais humanos o pensam. Assim pensamos as linguagens, e nosso livro se chama, como deve ser: Babel Feliz. Como disse o professor Augusto, que Deus seria aquele, se não o que ao punir, presenteia? Ao reescrever nossos mitos de origem, mudamos nosso modo de olhar para nós mesmos, renovamos as festas de celebração das nossas verdades. Nossa Babel não se lamenta pela multiplicidade de linguagens, vozes, línguas, não chama a isso de confusão, mas sim de humanidade.

Esperamos sinceramente que muitos e muitas possam se alegrar conosco, e continuar esses diálogos por onde forem necessários, ou seja, por onde alguém tentar fazer pensar que não há festa, mas só aridez e morte.

Viva Babel, nossa Babel Feliz.



BABEL FELIZ, Maria Leticia Miranda.
Colagem Inspirada pelas obras *Torre de Babel* de Peter Bruegel (1563)
e *Babel Feliz* de Augusto Ponzio

BABEL FELIZ, MAIS UMA VEZ

Márcia de Souza Menezes Concencio

A peste, atirada sobre os homens por justa cólera divina e para nossa exemplificação, tivera início nas regiões orientais. Incansável, fora de um lugar para outro, e estendera-se de forma miserável para o Ocidente. [...] Nenhuma prevenção foi válida, nem valeu a pena qualquer providência dos homens².

O dia de hoje será inesquecível. Após dezoito meses estudando de modo remoto por causa da pandemia do Coronavírus, finalmente com todos e todas vacinados e vacinadas, estamos retornando às aulas presenciais. Inscrita na disciplina “Teoria da Enunciação”, subo apressada as escadas do bloco D da Faculdade de Educação. Já no segundo andar minhas pernas cinquentenárias avisam solenemente ao meu espírito de estudante quem é que manda. Diminuo o ritmo, e as lembranças de um tempo não tão distante, dos encontros naquelas escadas, nos corredores, no elevador, na coordenação – *O que posso fazer para ajudar, minha linda?* – vêm trazendo uma melancolia que eu quase não posso dar conta... Xô, melancolia, que hoje não vim pra isso não! Ofegante, pálida e feliz, chego ao quinto andar e adentro o recinto da sala, onde o professor Valdemir Miotello e a professora Edwiges Zaccur começam a se apresentar para nossa turma de doutorado.

– Meninas, eu estou me sentindo como uma criança, indo para o recreio depois de uma longa aula! Como eu senti falta desse momento nas aulas remotas!

– Eu também, Angel! Como eu sonhei nesse último ano poder dizer essas palavras que vou dizer agora: Alex, três cafés, por favor? Você quer um, né, Marcita?

– Quero sim, Dê! Saudades demais desse café... Pena que temos que voltar rápido pra aula... Prometam que vamos almoçar juntas depois?

² Trecho do livro *Decameron* – Primeira Jornada, de Giovanni Boccaccio (2013), o mais importante cronista da terrível pestilência no ano de 1348 – a peste negra.

- Combinado! Vamos, Angel?
- Claro! Gente, fiquei impressionada com a professora Edwiges. Ela já estava dando aula antes de eu nascer.
- Eu também já era professora quando você nasceu, Angel!
- Nossa, Marcinha... E ela disse que viajou o mundo todo...
- Queria poder dizer de novo “Eu também”!
- Kkkkkk. Essa foi boa, Marcita!
- Adorei aquela provocação que o Miotello fez, citando o trecho em que o Volóchinov diz que *a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros*³.
- Também gostei, Marcita! Acho que a segunda parte da aula vai ficar muito animada!
- Vai mesmo! Vai dar polêmica, que nem deu no encontro bakhtiniano de Lavras... Vocês escutaram hoje na aula aquele menino que falou que é professor do Colégio Estadual Brasil-China em Charitas contando a viagem dele com os alunos para a China no ano passado? Não, né? Vocês duas estavam tagarelando!
- Quando ele contou sobre as pontes em zigue-zague que viu em Shangai com os alunos? Escutamos sim, Angel! Era sobre isso que a gente estava comentando. Falei pra De que eu tive até uma ideia... Escuta só: e se...
- Peraí, Marcinha... Olhem ali nos pilotis do bloco E: uma exposição internacional de obras artísticas – “Arte contemporânea e mitos bíblicos” – que interessante! Vamos lá dar uma olhada?
- Temos pouco tempo antes da aula recomeçar, Angel...
- Ah, Marcita, deixa de ser tão certinha... Vamos ver, anda! Enquanto isso tomamos nosso café, que por sinal, está maravilhoso!
- Eu não te aguento, Denise! Kkkk... A pessoa tá toda atrasada pra escrever o texto de qualificação, deixando a orientadora de cabelo em pé e você chama a pessoa de certinha...
- Atrasada estou realmente, mas os cabelos da Sol continuam lindos! É esse café está muito bom mesmo, De! Um sabor diferente... Deve ser a saudade...
- Meninas, olhem aqui essa pintura de Babel, que coisa mais linda!

³ Volóchinov, 2014, p. 117.

– Gente... O único defeito é que não fui eu que fiz... “Babel Felice”!
Que primor!

– Olhem mais de perto o andar de cima da Torre... Aquelas pessoas próximas às janelas... A moça de cabelos brancos não lembra a Domingas?

– Márcia, Você está bem?

– Na verdade estou sentindo uma coisa estranha, arrepios, ou como se meus cabelos e pelos estivessem sendo puxados... E aquela outra moça, logo ao lado, com uns óculos grandes, com armação amarela?

– É isso mesmo, Marcinha?

– Olhem direito, meninas! E aquela pessoa, de costas, enrolando os cabelos louros com um movimento de mão?

– Toma mais um golinho de café, Marcita. Talvez seja só pressão baixa...

Ainda me foi possível escutar Angélica e Denise preocupadas, me perguntando se eu não gostaria de me sentar um pouco, sem perceberem que naquele momento eu deslizava em direção à Torre. Segurei o mais firme que pude o copo de café quente.

– Márcia, você não deveria estar na aula de “Teoria da Enunciação” agora?

– Estava, Sol, quer dizer, nós íamos – eu, Denise e Angel – mas vim parar aqui, no lugar mais alto dessa torre, e dei de cara com o Grupo Atos. A propósito, o que é que vocês estão fazendo aqui?

– Ué... O Augusto foi quem nos trouxe pra Babel. Estamos aqui discutindo o livro *Livre Mente*

– *Processos cognitivos e educação para a Linguagem*. Mais precisamente o capítulo VI.

– Ainda bem que vim parar aqui então, Sol! Essa discussão vai ser importante demais no meu trabalho... Por falar nisso, antes de vir parar aqui em cima da torre, estava conversando com as meninas sobre uma ideia que tive para começar a escrever o meu texto. Hoje cedo, na aula, um aluno do Doutorado que é professor lá no Colégio Brasil-China, estava contando que ano passado foi com os alunos da escola conhecer o país e lá ficaram sabendo de uma lenda que diz que o espírito do mal caminha em linha reta e que por

isso os chineses constroem pontes em zigue-zague para evitar que o demônio passe pela ponte, que vá para o outro lado.

– Hummm... Detesto pontes!

– Me senti provocada pela possibilidade de movimento, de multiplicidade de sentidos que essa ponte em zigue-zague traz e na hora tive até uma ideia: estava pensando naquele texto que vou começar a escrever para a qualificação e se não seria uma boa construí-lo trazendo esse movimento da ponte em zigue-zague, que hora vai de lá para cá, de cá para lá... O que vocês acham?

– Ainda que a metáfora seja sedutora por conta do movimento do zigue-zague que impede a passagem do demônio para o outro lado, a ponte é como uma garantia da identidade de dois (lados) que jamais se tocam. A identidade já é, ela mesma, um demônio e o necessário nas nossas escrituras é criar caminhos por onde esse “eu” não consiga passar.

– Eu me lembro que Rancière dizia que a ponte ao mesmo tempo que é passagem, marca a distância. E embora tenha os vértices e o zigue-zague, a reta está ali. Isso me incomodou demais porque nas minhas conversas de *antesmente* com Manoel de Barros, ele me disse que a reta é uma curva que não sonha.

– Fernandinha, o Niemeyer também disse sobre isso. Para ele, a linha reta é a linha dura e a linha curva é a que sonha. Quem sabe, talvez tenha lido Manoel... Pra mim, o zigue-zague, ainda que tenha os vértices, continua sendo formado por linhas retas e duras.

– Outra coisa, Froza⁴, é que o seu texto vai trazer o Círculo de Bakhtin com toda sua força. Em uma perspectiva pontiaguda, você acha que esse Círculo pode caber?

– Difícil, não é, Fê?

– Marcinha, eu e Natália estávamos aqui, bem baixinho, ponderando essa discussão sobre a ponte, sobre a linha reta no seu texto, e queríamos dar uma sugestão: vamos olhar para tudo isso à luz do conceito de linguagem enquanto modelação que o Professor Ponzio nos traz no livro? Me ajuda a explicar, Natália?

⁴ Palavra poética de Luiz Otávio na tese de Fernanda Carneiro. “A criança é como o poeta que na novidade de suas palavras, é sempre a origem (sem começo) da linguagem” (LIMA, 2020, p. 371).

– Bom, pessoal, eu e a Ana Elisa tivemos essa ideia lembrando aqui que o professor Ponzio nos faz olhar Babel sob uma perspectiva na qual *Deus humilha doando*⁵. E como é bakhtiniano isso, não é não? O mesmo e o diferente em um só gesto...

– É mais ou menos aquilo que a Fernanda lembrou que o Rancière diz sobre as pontes ligarem, mas também separarem, né?

– Acho que o que Natália e Ana Elisa estão propondo é mais que isso, Liliane... O grande problema é acharmos que podemos explicar o mundo ou algo no mundo sob uma única, ou até mesmo duas perspectivas, ou como já dado. O mundo não está dado, está se fazendo, se constituindo. E essa constituição é múltipla, é plurívoca, é impossível de ser descrita por uma perspectiva única e/ou identitária.

– Falando assim, Ana, parece até que você leu comigo e com a Ana Elisa o trecho do “Livre mente” que separamos. Escutem só: *A linguagem humana é o processo sempre renovador de significação, de modo que uma língua nunca permanece fixa, nem é uma coisa monolítica, absolutamente unitária: o mundo como é dado por ela nunca se apresenta como unívoco e definitivo; outros pontos de vista se realizam continuamente ao interno dela própria, assim como ela apresenta uma outra possibilidade de dizer o mundo a respeito de uma outra língua; ou melhor, se constitui e desenvolve em função dessa possibilidade. Nesse sentido, Steiner afirma que a linguagem é o principal instrumento de recusa, para o homem, do mundo assim como ele é*⁶.

– Daí que ficamos pensando: se a linguagem é o principal instrumento de recusa para o humano, você pode, Márcia, com e na linguagem recusar as linhas retas e duras, recusar o identitário, o unívoco e o que não permite sonhar e criar novos mundos; você pode buscar outros percursos. Encontrar um modo de cuidar da arquetônica desse texto, de cuidar dos signos (sempre encharcados de ideologia) que você está trazendo para construí-la é muito importante: *compreender a forma como forma do conteúdo e o conteúdo como conteúdo da forma*⁷. Assim poderemos defender uma heterociência, uma ciência outra enunciando para mudar nosso mundo, que não é o mesmo mundo das

⁵ Ponzio, 2020, p. 173.

⁶ Ponzio, 2020, p 181.

⁷ Bakhtin, 2014, p. 69.

moscas. Vocês se lembram daquela parte do nosso encontro com o professor Ponzio, quando ele fala delas?

– Eu me lembro, Ana Elisa! Enquanto você falava fiquei pensando no início das nossas leituras do *Livre Mente*, nas nossas discussões para o começo de um entendimento da linguagem enquanto procedimento modelizante espécie-específico do homem – o que distingue o humano dos demais animais pela capacidade de inventar, de criar, de fantasiar. Você até transcreveu aquela parte do nosso encontro com o professor Ponzio, não foi?

– Transcrevi sim, Márcia. Ele falava *que cada espécie viva, vivente, vive em seu ambiente particular, se comunica nesse ambiente particular, ela tem seu comportamento nesse ambiente particular. E esse ambiente é constituído pelos dispositivos de modelação que são específicos dessa espécie. Então, o que fazem as abelhas? Fazem sempre as mesmas coisas: colmeias. O que fazem as formigas? Fazem sempre as mesmas coisas: formigueiros. A mosca... O que faz a mosca? Ela se interessa sempre por aquela coisa marrom que a gente encontra na rua, no chão, que a gente pula por cima. O que é? O cocô. Mas quando ela vê aquela coisa faz a festa, ela chama as outras moscas, ela sempre faz a mesma coisa. Cada espécie organiza o seu mundo, comunica o seu mundo da mesma forma*⁸.

– No mito bíblico que o professor Ponzio traz no *Livre Mente*, o humano pré-babélico, monolíngue, estava vivendo em um mundo limitado que os colocava (quase) na condição de moscas, literalmente vivendo em um mundo de merda.

– Isso mesmo, Mizinha. O (quase) foi bem colocado, pois, o mundo humano não pode ser um mundo de moscas. Há algum tempo discutimos no grupo o estudo do comportamento modelizante que o professor Ponzio faz, com base nos conceitos propostos por Sebeok e Danesi. Tem um trecho que fica lá pela página vinte e sete do *Livre Mente*, que diz que a semiose – uma capacidade criterial de todas as formas de vida – pode ser definida como a “capacidade de uma espécie de produzir e de compreender os tipos específicos de modelos requeridos para organizar e decodificar input perceptivos à sua própria maneira”⁹. A semiose, assim, é uma capacidade presente em mundos humanos, mundo de moscas, de formigas, de joaninhas... O ser humano, entretanto, é a única espécie que –

⁸ Ponzio, 2021 - Aula remota ministrada em 02 de março de 2021, como professor convidado, na Disciplina Tópicos Especiais em Linguagem, Cultura e Processos Formativos I.

⁹ Sebeok e Danesi, 2000, p. 5, apud PONZIO, 2020, p. 27.

pelo menos até agora –, dispõe de um sistema primário de modelação que permite que ele possa ser um inventor de mundos.

– Ontem mesmo, Fernanda, ao ler o livro para o nosso encontro de hoje, parei para observar uma aranha que fazia sua teia da folha da bananeira até o telhado, e fiquei pensando na aranha e sua teia, no construtor e seu telhado, no Michelangelo e seu Moisés¹⁰... Em termos de dispositivo de modelação, o que diferencia a aranha do construtor de telhado e do escultor de *Moisés* é a capacidade especial de modelação do humano, a capacidade de combinar um número infinito de mundos possíveis... Isso é escritura!

– Eita, Miza! Que agora foi tudo rápido demais na minha cabeça, e que a escritura passou na frente de tudo...

– A escritura não passou na frente de tudo não, Márcia. A escritura é *ante litteram*, lembram disso? Ela não só antecede o signo escrito, como também precede e subentende toda forma de comunicação¹¹.

– Eu me lembro, Sol... Vimos na disciplina que a capacidade de escritura já era um atributo do hominídeo e foi fundamental no processo evolutivo... Veio antes da fala e do desenvolvimento da mesma, e *deram origem ao homo sapiens e permitiram sua evolução ao homo sapiens sapiens, mas não apenas porque os homens se comunicavam melhor, mas também porque, com a internalização da fala, que tornou-se, portanto, meio de pensamento, bem como meio de comunicação, pensavam melhor, simulavam melhor, imaginavam e inventavam melhor*¹². Por causa da minha pesquisa com *Formação* fico até meio receosa com a palavra “evolução”, mas nesse caso acho que é tranquilo...

– Lili é “zero defeito” se preocupando em exercitar aquela máxima dos poetas cubo-futuristas de que *para mudar o mundo é preciso mudar as palavras do mundo!* Mas, no caso desse estudo, alguns conceitos da biologia e palavras como “evolução” vêm sendo trazidas em decorrência do diálogo do professor Ponzio com Sebeok, que, por sua vez, dialogava com o biólogo Jakob von Uexküll e seu conceito de “modelo do mundo externo”.

– Danada essa Natália-toda-historiadora, né? Abre um sorriso e vai explicando... Amo muito! Vou aproveitar e continuar esse papo da teoria dos sistemas de modelação que Sebeok propôs nas suas pesquisas, que

¹⁰ Ponzio, 2020, p. 131.

¹¹ Ponzio, 2020, p. 47.

¹² Ponzio, 2020, p. 132.

conhecemos através da leitura do professor Ponzio, e que faz a gente compreender que *existe uma modelação primária: escritura ou sintaxe. A seguir, uma modelação secundária: o falar, que, a partir da prática comunicativa se torna combinatória no nível mental. Essa interiorização reforça enormemente a capacidade inventiva, criativa, de ficção, de escritura. Existe, então, uma modelação terciária: aquela do sistema de signos, das linguagens verbais e não verbais, das quais, além que da língua, é feita a cultura*¹³. Parafraçando Emanuele Dell’Atti¹⁴, na origem, portanto, há a escritura, não a palavra, para dizer, virando de ponta-cabeça, um conhecido *incipit* evangélico.

– Que-coisa-mais-fodástica, Reinaldo! Eu já achava que a palavra escritura era de uma lindeza sem par... Mas, quando você traz o sistema de modelação assim, como uma sucessão, a gente percebe que ela *é a base dos sistemas sógnicos humanos*¹⁵, que como procedimento modelizante possibilita...

– Fernandinha, desculpa te interromper, mas eu preciso dividir uma provocação com vocês... Vocês já sabem como é que eu fico...

– Tá bem, Froza...

– Eu fico pensando naqueles hominídeos que com o poder da escritura *ordenavam, articulavam e diferenciavam, construía mundos. Caso contrário, eles não teriam evoluído até nós*¹⁶, certo? Então eu penso também, que em nosso tempo, mesmo quando não se tem condições culturais urbanas e industriais, não se tem acesso a livros, etc., um ser humano já é capaz de escritura em sua face mais desenvolvida, que é a capacidade de criar outros mundos, que é a capacidade de fantasiar, capacidade icônica. Não é um absurdo quando “a escola” olha para a criança que chega e considera que isso é pouco, ou às vezes até nada?

– Como o Reinaldo nos lembrou, Maria Letícia, existe uma modelação terciária, que é aquela do sistema de signos, das linguagens verbais e não verbais, das quais, além que da língua, é feita a cultura. E cada menino e cada menina desse mundo tem direito a esse legado da humanidade. Ninguém aqui quer colocar isso em dúvida. Mas, – só para provocar um pouco mais – vimos também que os dispositivos dos sistemas secundário e terciário, *em*

¹³ Ponzio, 2020, p. 133.

¹⁴ Dell’Atti, 2020, p. 211.

¹⁵ Ponzio, 2020, p. 48.

¹⁶ Ponzio, 2020, p. 132.

*certo ponto da evolução humana incrementaram a capacidade de modelação primária de escritura*¹⁷, ou seja, dotados de palavra, os humanos *simulavam melhor, imaginavam e inventavam melhor*¹⁸. Não deveria ser esse também o movimento da escola: perceber-se enquanto uma instituição que traz o incremento para que cada menino e cada menina que chegam na escola – plenamente capazes de escritura – possam aprender a língua escrita para simular melhor, imaginar e inventar melhor?

– Maria Letícia e Domingas tocam em um ponto que vale a pena nos demorarmos. A escrita escolarizada traz ampliações, reorganizações, reformulações à capacidade de escritura que a criança já tem quando chega à escola, com seus quatro, seis ou quantos anos tiver. Ouçam bem isso: *no momento em que realmente vivo a experiência de um objeto – mesmo que apenas pense nele – o objeto se torna um momento dinâmico daquele evento em curso que é o meu pensá-lo-experimentá-lo; ele adquire, assim, o caráter de alguma coisa por se realizar, ou, mais precisamente, ele me é dado no âmbito do evento na sua unidade, dos quais são momentos inseparáveis o que é dado e o que está para se cumprir, o que é e o que deve ser, o fato e o valor*¹⁹. Tomar um objeto, mesmo em pensamento, já é abri-lo para a infinitude do sentido. Vocês entendem isso?

– Entendo, Sol... Para mim essa é a expressão maior do que possa significar amor para Bakhtin: uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva. Só de pensar em um objeto, *estabeleço com ele uma relação que tem o caráter de um evento em processo*²⁰. Essa capacidade de escritura que as crianças já trazem quando chegam na escola é esse evento em processo, né? O que elas precisam é aprender a escrever – aprender a lidar com o sistema da língua, com seus elementos formais, que não se trata de capacidade menor ou maior se pensada em relação ao enunciado único e irrepetível, encarnado e historicamente tomado. E para efeito de distinção, quando falo de escritura, estou me referindo àquele dispositivo de modelação primária que o Reinaldo descreveu há pouco, e que o professor Ponzio alarga ainda mais ao dizer que *é o procedimento combinatório que permite utilizar um número finito de elementos*

¹⁷ Ponzio, 2020, p. 133.

¹⁸ Ponzio, 2020, p. 132.

¹⁹ Bakhtin, 2010, p. 85.

²⁰ Bakhtin, 2010, p. 86.

para produzir um número ilimitado de sentidos e de significados²¹. E quando digo que “as crianças precisam aprender a escrever”, escrever refere-se àquilo que ocorre com a invenção de signos escritos para registrar o oral. Esta invenção, referida como “nascimento da escrita” (de fato, se deveria dizer “nascimento da transcrição”)²².

– Importante mesmo marcar essa distinção, Froza. Distinguir, mas sem separar, porque essas duas dimensões precisam ser um acontecimento simultâneo. De outro modo, vai *desacontecer*... *Desacontecer*, não no sentido de negação, que vá deixar de acontecer, pois, compreendemos que é impossível as crianças não enunciarem. A perspectiva contra a qual precisamos lutar é a de que há uma dimensão mais importante. A alfabetização das crianças não pode ser um *desacontecimento* que *soma as gentes para menos*!²³

– Essa discussão toda é muito importante! Quando eu convidei vocês para lermos novamente na semana passada *O Problema do Texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas*²⁴, para além das discussões sobre o autor e o herói e como reportar a palavra do outro que esse texto suscita, ali, quando Bakhtin elucida a questão dos dois polos que todo texto possui, é imprescindível que possamos perceber que em relação a esse enunciado que a Márcia destaca, e que é único, irrepetível, encarnado e historicamente tomado, *tudo que é suscetível de repetição e reprodução vem a ser material e meio*²⁵.

– Marisol, você tem razão... A leitura desse texto oferece um aporte e tanto pra gente poder problematizar essas questões que são centrais na Filosofia da Linguagem de Bakhtin e o Círculo, questões da linguística, sobretudo a linguística derivada *do Curso de Linguística Geral* de Saussure, que suscita a dicotomia *langue/parole*, à qual Bakhtin se contrapôs em diversos momentos de sua obra, como por exemplo, quando ele afirma que *podemos identificar língua e fala uma vez que na fala estão obliterados os limites dialógicos dos enunciados. No entanto nunca podemos identificar língua e comunicação discursiva (como intercâmbio dialógico de enunciados)*²⁶.

²¹ Ponzio, 2020, p. 187.

²² Ponzio, 2020, p. 134.

²³ Barros, 2010, s/p (apud LIMA, 2020, p. 356).

²⁴ Bakhtin, 2011, p. 307-335.

²⁵ Bakhtin, 2011, p. 310.

²⁶ Bakhtin, 2011, p. 312.

– Isso porque, Ana, a comunicação discursiva é o próprio diálogo dos enunciados. Enunciados que são responsivamente interpenetrados, sempre irreduzíveis, sempre irrepetíveis, sempre um acontecimento novo. Bakhtin sustenta incisivamente essa afirmativa na qual *é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação)*²⁷.

– Eu estou aqui, Marisol, tentando acompanhar esse cotejo com o *Problema do texto...* Nele, quando Bakhtin elucida os polos do texto, vai dizer que como elementos do primeiro polo podemos atribuir no texto *tudo que nele é repetido e que pode ser repetido, reproduzido, ensinado, dado de antemão*²⁸ através de sistemas de normas, regras e convenções. É isso, né, gente?

– Entendi assim também, Reinaldo. E entendi que como elementos do segundo polo – de um texto como enunciado – podemos atribuir tudo que é criado, irrepetível, singular. Bakhtin destacou ainda dois elementos, duas condições para que um texto seja um texto como enunciado de um autor: *a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção*²⁹, elementos que, no meu entendimento, “aguçam” o segundo polo, e tornam o texto contextualmente compreensível, despertam os sentidos, possibilitam encontrar a voz do autor – direção axiológica do texto – que pensou e realizou algo no texto.

– Sobre o segundo polo, era mais ou menos isso que eu também ia dizer, Miza. Agora, gente, voltando lá na questão que a Ana Lopes trouxe sobre a língua e a fala – *langue/parole* que Saussure traz em distinção –, considerando que Bakhtin, ao contrário, as relaciona, eu poderia afirmar que ambas, língua e fala, subsistem enquanto elementos repetíveis no primeiro polo do texto?

– Pode sim, Reinaldo, considerando que a fala, nesse caso, está colocada relativa à língua tomada isoladamente, em sua individualidade, sem contexto, sem a interpenetração como resposta na cadeia da comunicação dialogizada. Inclusive, em uma abordagem formalista, sobretudo pela abordagem formal das gramáticas que orienta políticas educacionais, programas de formação, livros didáticos etc., esses elementos do primeiro polo são tomados como os mais importantes para a educação linguística. Mas isso precisa ser enfrentado em nossas pesquisas. É como eu falei há pouco com

²⁷ Bakhtin, 2011, p. 313.

²⁸ Bakhtin, 2011, p. 309-310.

²⁹ Bakhtin, 2011, p. 308.

a Márcia: em relação ao enunciado único e irrepetível, encarnado e historicamente tomado, tudo que é isolável, repetível, reproduzível como o é a língua, vem a ser material e meio.

– Assim sendo, não cabe a nós valorar positiva ou negativamente os polos, mas recusar as abordagens formalistas que o fazem em detrimento do segundo polo. No momento em que uma criança aprende os elementos formais de uma nova linguagem, ou seja, aprende os elementos do primeiro polo, sua capacidade escriturística se alarga porque ela terá um alcance mais longo para continuar enunciando, de outro modo.

– De outros modos, né, Domingas? Colocando no plural, fazemos jus à multiplicidade de linguagens que essa criança capaz de escritura já dispõe. Uma “linguagem de Babel” diferente para cada dimensão da cultura da qual ela participa: da família, dos amigos, dos desenhos animados, da escola. E quando eu digo “linguagem de Babel”, é justamente para diferenciar daquela linguagem de Pentecostes que o Augusto traz no *Livre Mente*, que apesar de ser também múltipla, *a compreensão da língua dos outros consiste em ouvi-la ressoar em sua própria língua, de modo que não ocorre nenhum encontro efetivo entre diferentes línguas, e cada uma conhece apenas a si mesma e permanece fechada e satisfeita em sua própria identidade*³⁰. Já na linguagem de Babel, *há um encontro efetivo entre as diferentes línguas e a experimentação de toda a sua irredutível alteridade*³¹.

– Ótima sua colocação, Natália! Na dimensão familiar, por exemplo, há uma linguagem mais coloquial, não oficial... E isso me fez lembrar de quando eu estava conversando com o Veloso que ainda não tinha um nome para a tese e a Liz correu no quarto, pegou seu dinossauro preferido e resolveu a questão: *Tcharam! Dinossauro!* E como quem tranquiliza, pois que eu não precisava mais me preocupar com isso: *Passou mamãe! Passou!* Penso que essa é uma “situação de pluridiscursividade dialogizada”. *Essa pluridiscursividade, ou plurilogismo, é a capacidade de falar uma determinada língua ou de uma determinada linguagem da perspectiva de uma outra língua ou de uma outra linguagem, de tomar distância de uma determinada linguagem redigida em um sistema signico, por ser vista à luz de outro sistema signico. Essa possibilidade de tradução e, portanto, de*

³⁰ Ponzio, 2020, p. 173.

³¹ Idem.

*reflexão, de atividade, ao invés de passividade, em relação à mensagem, pode ser definida como situação pluridiscursiva ou plurilógica*³².

– Desenrolada e poderosa a Liz! E pensar que fomos assim um dia, né Lili? Isso que você conta, nos desloca, nos faz indagar: de que adiantaria a Liz conhecer todas as linguagens que conhece, se não fosse para com elas ler, ir compreendendo e respondendo a outras linguagens? A situação de pluridiscursividade dialogizada é essa situação em que um signo atua como interpretante de compreensão respondente de outro signo; é justamente essa situação *em que as diferentes linguagens não estão em uma relação de equilíbrio tranquilo, inócuo, de indiferença mútua, mas se encontram entre si e solicitam a consciência da criança, que com essas linguagens fala e às quais foi exposta*³³...

– Marcinha, eu já estou aqui me remexendo com uma provocação... Enquanto vocês falavam da multiplicidade de linguagens das crianças, desses vários gêneros com os quais a criança enuncia, fiquei pensando que Bakhtin, no livro *Estética da criação verbal* define os gêneros do discurso detalhadamente em um capítulo homônimo. Ali, Bakhtin os diferencia em dois tipos: gêneros discursivos primários (simples) e gêneros discursivos secundários (complexos) e ainda destaca sobre os gêneros complexos, que *no processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata*³⁴. Não é um absurdo também quando os gêneros da conversação ordinária, aqueles que Bakhtin classifica como primários, são subestimados, tomados como menores, colocados em um “só saco” e classificados como oralidade?

– E como se não bastasse, Lelê, é, em sua maioria, com esses gêneros – os da conversação ordinária – que as crianças chegam enunciando na escola. E o que acontece? Eles são tomados ainda como gêneros que devem ser superados pelo gênero escrito... Não me conformo!

– Pois é, Miza... Com essas provocações de vocês, cá estamos nós com mais um ato responsável, mais um enfrentamento no qual vamos precisar nos colocar contra um posicionamento linguístico que valoriza positiva e negativamente dimensões que têm, na verdade, uma relação mútua. Essa relação e o *processo de formação histórica dos gêneros secundários lançam luz sobre*

³² Ponzio, 2020, p. 115.

³³ Ponzio, 2020, p. 116.

³⁴ Bakhtin, 2011, p. 263.

a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia)³⁵.

– Uma lástima mesmo, Ana, que os gêneros da conversação ordinária, aqueles que Bakhtin classifica como primários, possam ser tomados como menores, quando, na verdade, são os gêneros primeiros. No livro *Cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais*, no capítulo segundo – O vocabulário da praça pública na obra de Rabelais –, Bakhtin vai examinar nos prólogos da obra rabelaisiana o papel das vozes na praça pública, entre as quais, *a linguagem familiar, que formava quase uma língua especial, inutilizável em outro lugar, nitidamente diferenciada da usada pela igreja, pela corte, tribunais, instituições públicas, pela literatura oficial, da língua falada das classes dominantes*³⁶.

– E foram justamente os gêneros primários, não é, Sol, aqueles que Bakhtin chama tão fortemente de gêneros destronadores – a linguagem familiar, os pregões, os elementos da linguagem popular, tais como os juramentos, as grosserias, gêneros que Bakhtin nomina terra-a-terra³⁷ – *os gêneros que se infiltraram na literatura da época e aí desempenham frequentemente um papel estilístico importante*. Não há como negar a importância desses gêneros na formação dos gêneros complexos quando lemos esse estudo de Bakhtin. Acho, inclusive, que nós poderíamos alargar essa discussão mais adiante, trazendo com mais detalhes esse vocabulário da praça pública na obra de Rabelais que Bakhtin examinou no capítulo segundo... O que vocês acham?

– Eu acho esse estudo essencial para nos posicionarmos nesse enfrentamento, Marcinha. A meu ver, nesse caso, nosso ato responsável trata-se de *alargar o mundo para caber um herói gigante*³⁸. Dar a ver crianças-gigantas que enunciam em muitas linguagens, enquanto a cultura escrita, essa da escritura de transcrição quer ser uma só. *Nesse alargamento e agigantamento do homem da atualidade para alguém que dialoga com o passado e tateia o futuro, o mundo é alargado, não abstratamente, mas nas escrituras*³⁹.

³⁵ Bakhtin, 2011, p. 264.

³⁶ Bakhtin, 2013, p. 133.

³⁷ Bakhtin, 2013, P. 156.

³⁸ NEVES, 2021, p. 181.

³⁹ Idem.

– Uma responsabilidade e tanto, Lili! Vamos junto e juntas para a luta, afirmar que nós queremos que os enunciados das crianças tenham alcances imensuráveis!

– Isso, Domingas! E afirmar com força que a língua portuguesa como sistema de normas e regras, com sua gramática, sintaxe, semântica, e todo seu cabedal de elementos passíveis de serem ensinados, deve ser tomada não como *a mais suscetível, ou o maior destaque entre os fatos da linguagem*⁴⁰, mas como material e meio de realização do enunciado que é sempre irrepetível, responsivo, novo, dialógico!

– Boa, Natália! Vamos nós: mulheres e homens, crianças e idosos, descer essa torre cantando, dançando, tocando e bradando – “*Viva Babel feliz!*” –enfrentar essa linguística que *não cessa de vencer!*⁴¹Enfrentar aqueles que *tentam restaurar a antiga situação do monolinguismo*⁴²reivindicando a superioridade da língua escrita, ou a superioridade de qualquer língua sobre a outra!

– Bora lá, enfrentar mais esse javali!⁴³ Avante! Vamos lá, Marcinha!

A empolgação de Ana Elisa era tanta, que ao gesticular esbarra em mim, fazendo o copo de café derramar no meu braço e...

– Vamos lá, Marcinha!

– Caraca! Isso está doendo, Angel... Como esse café pode estar ainda tão quente?

– Ué, Marcita, acabei de pegá-lo no Alex. O meu também ainda está “pelando”.

– Vamos lá, Marcinha! Vamos depressa no banheiro lavar esse braço pra ver se essa queimadura não vira uma bolha!

– E de lá, direto pra sala, né, Angel? Miotello e Edwiges já devem estar quase recomeçando a aula...

⁴⁰ Volóchinov, 2014, p. 88 – Termos das citações de Volochínov, que Saussure utiliza para qualificar a língua e justificar sua distinção.

⁴¹ Benjamin, 1996, p. 225.

⁴² Ponzio, 2020, p. 178.

⁴³ Personagem do conto-manifesto *O Javali de Erimanto*, que na Tese de Ana Elisa Alves dos Santos (2020), afigura o poder dos discursos homogeinizantes.

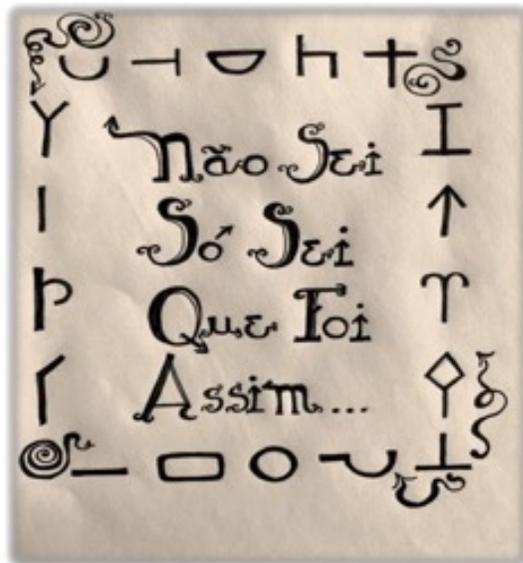
CARTA DA SUB-PROFESSORA FERNANDA

Márcia Fernanda Carneiro de Lima

Petrópolis, 15 de maio de 2021.

Querida Sol,

Segue uma pequena escritura que afigura um percurso interpretativo possível dos estudos que fizemos sobre a Filosofia da Linguagem na perspectiva do Professor Augusto.



Respondo a estes estudos com pequeno poema visual que contém uma frase... A frase de Chicó - personagem de Ariano Suassuna em O Alto da Compadecida - escrita em letra "Armorial", uma tipografia que descobri recentemente ao iniciar os estudos sobre o poeta.

Espero que você esteja se perguntando: Por que esta frase... E por que esta letra? Mas se não estiver... Vou tentar responder mesmo assim.

Esta frase encosta na descoberta mais deslumbrante que pude fazer, entre tantas cintilâncias espalhadas pelas linhas e entrelinhas desta obra que tu traduziste e compartilhaste com tanto amor.

Quando na obra, *Livre Mente*, duas páginas depois da 121, o professor enuncia que *"o fato de você não saber dar uma definição de algo significa que você tem familiaridade com esta coisa, que tem experiência nisso, que tem as "vivências" relativas a essa coisa"*. Ele nos ensina ainda que na busca das definições o que

importa é o raciocínio... é o percurso interpretativo...

Ah, Sol... Isso foi uma revolução na minha vida... O professor Augusto subverte totalmente a noção de explicação que aprendemos na escola... Na escola enquanto somos alunas, e na escola enquanto nos formamos para sermos professoras... Augusto inaugura, diante dos meus olhos, um mundo novo!

Então que no percurso interpretativo que sigo, me recordo de Chicó quando diz... "Não sei... só sei que foi assim..." Chicó, assim como tantos outros e outras que encarnam em seu ideologema, é icônico! Afigura todas e todos aqueles que mergulham em um multiverso de pensamentos e recordações, que numa composição também única e irrepetível... desesplicam, ou seja, explicam de outro modo... Acessam com toda a sua vida uma cadeia de sentidos original e antiquíssima. Original porque pensada pela primeira vez deste certo modo e antiquíssima

porque acessa no grande tempo todas as palavras/pensamentos já ditas/feitos antes...

Então, Sol, que fazendo à moda "chicóniana", acessei a imagem de Babel... Babel para mim não é uma imagem que afigura uma coisa ruim. Ao contrário... Babel para mim, afigura a unicidade, a originalidade, a irrepetibilidade de cada enunciado humano... E isso é lindo! Feio é a não escuta... A incapacidade de escuta dos diferentes modos de pensar e de enunciar o/no mundo.

Ah! Sim... Já ia me esquecendo de te falar o porque desse tipo de letra... É que essa letra faz parte do alfabeto Armorial. Trata-se de uma estética tipográfica que compõe o um movimento criado por Ariano Suassuna nos anos 70. Acredita que o danado criou um movimento que, no contexto nordestino de certo "isolamento cultural", e de condições extremadas - que criavam um cenário de um certo medievalismo social e cultural, composto por festas populares, bandeiras e estandartes, procissões e cavalhadas - cheio de

simbolismos e alegorias, criado e seguido por homens cuja honra deveria ser defendida, com fé obstinada em meios primários de subsistência... Nesse contexto, Sol...Suassuna eleva o arcaísmo medieval nordestino, e sem romper com a tradição, denuncia sua organização essencialmente feudal, promovendo um movimento artístico que valorizava a cultura popular nordestina por meio da criação de "Uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares da nossa cultura"⁴⁴, como disse ele.

Olha que coisa, Sol! Eu olhei e queria te levar a olhar também... O alto e o baixo... O igual e o diferente... a tradição e o novo... Esse movimento se espalhou e se manifestou por diversos campos artísticos, pintura, escultura, gravura, cordel, cerâmica, tapeçaria, cinema, dança, teatro, música, literatura e design gráfico... e aí encostamos na tipografia... Agora posso te responder sobre a letra...

⁴⁴SUASSUNA, 1974, P. 9

Trata-se de uma alusão à cultura medieval ibérica e sua noção de heráldica em aproximação com o universo fantástico do bestiário das práticas de perpetuação de histórias por cancioneiros e poetas sertanejos. A heráldica é uma arte que estuda e cria brasões, insígnias ou distintivos de uma pessoa ou família nobre. Agora veja, Sol, onde isso foi parar...

Suassuna descobre nas marcas de ferrar gado, toda uma heráldica... Prática que se enraizou de tal modo à nossa cultura, que podem ser encontradas nas tribos indígenas, como a dos Kadiwéus, que habitavam ali pelas bandas do Mato Grosso e o Paraguai. Há toda uma gramática que se constrói e se renova de geração a geração... Suassuna afirma que a maioria dos desenhos tem a ver com astrologia, como o Zodíaco, com Alquimia...

Então que reescrevi as palavras de Chicó misturadas às do alfabeto Kadiwéus e com letra Armorial. E é aqui, Sol, que preciso parar... Porque há muito ainda a se discutir sobre os

ferros de marcar gado e gente... Do modo e forma de marcar com fogo a pele outra... Mas preciso realmente parar... por que não se trata disso... Ou melhor, disso, o que me interessa nesse momento é enunciar o que, na unidade singular da minha existência, ficou das palavras, que acessadas da cadeia enunciativa que criamos nessa disciplina, se inscreveram em minha pele. Augusto me marcou a ferro e fogo de suas palavras e o que ficou marcado e inscrito no pergaminho de mim foi que... "Não sei... só sei que foi assim" e isso não faz de mim, alguém que não sabe. Isso faz de mim alguém que "des-sabe".

Isso é tão libertário, Sol!!! Mas não se preocupe... Não hei de confundir as coisas, não usarei isso para o "mal"... Não usarei deste novo conhecimento em causa própria... Mas usarei em nome das meninas e meninos que são obrigados a explicar palavra por palavra de um conhecimento que lhes é imposto. Não sei explicar como, ainda... Mas sei que dá!

Despeço-me com um forte abraço e suspiros de alegria por mais esse encontro, obrigada Sol pela oportunidade.

Beijos

Da Sub-professora Fernanda⁴⁵

⁴⁵ Márcia Fernanda Carneiro de Lima, doutora em Educação, membro do Grupo ATOS-UFF.

ARMAÇÃO DOS BÚZIOS, 12 DE MAIO DE 2021 CARO PROFESSOR AUGUSTO PONZIO,

Quando acabei de ler o texto “Anúnciação”, de Clarice Lispector, também levei a mão na garganta. Senti-me grávida de responsabilidade quando Marisol veio como uma anja me anunciar a notícia: continuarei minha formação acadêmica como uma doutoranda. Quase simultaneamente à alegria havia um susto: sim, há uma missão a cumprir, e não é leve, como aponta Clarice.

Era sim uma anúncio da missão que eu tenho pela frente: entender a linguagem como um dispositivo poderoso de transformação do mundo. A missão é ainda mais comprometida: entender e, simultaneamente, agir na mudança radical do mundo. Logo nos primeiros meses dessa formação na pós graduação tenho o privilégio e alegria de participar da disciplina que a professora Marisol Barenco ofereceu generosamente na intenção de lermos seu livro *Livrement*.

A vivência de lê-lo foi de desconstrução, de alargamento, de avesso. O que exatamente me chama aqui a lhe responder? A urgência de compreender mais profundamente a linguagem para que nós, professores, possamos além de esclarecer equívocos em algumas práticas brasileiras na educação, também possamos construir e criar processos formativos onde o humano seja profundamente humano na sua capacidade de criar com base em uma ética alteritária.

Venho fazendo esse esforço de revirar do avesso minhas compreensões. O senhor nos apresentou as tendências do século XX no estudo dos signos e também os filósofos e filósofas que concatenam sentidos produzidos nesse campo. Bakhtin me mostra a importância de nos vermos nesse elo de concatenação de sentidos, conhecendo e dialogando com os sentidos trazidos, criados por essas filósofas e filósofos na história do pensar a linguagem e também atentos aos acontecimentos contemporâneos que apontam os germes do novo nesse campo. É assustador perceber-me elo dessa

cadeia discursiva que pensa e reflete sobre a linguagem. Volto as mãos na garganta e depois na cabeça.

É importante afirmar que junto ao senhor, junto a Bakhtin e a muitas outras e outros pensadores, nós nos posicionamos no campo da **filosofia da linguagem**. Nós entendemos que a linguagem não é um meio transparente de pensamento, ela não é um meio de expressão de sentimentos, ela não é um instrumento de comunicação. É nos confrontos com Pierce, Victoria Welby, Kant, Bakhtin, Saussure, Cassirer, Wittgenstein, Chomsky, Platão e Orwell, que o senhor nos apresenta sua concepção lúcida da linguagem e nos chama à responsabilidade.

Os temas são múltiplos, e poderíamos conversar por horas. É uma honra conversar contigo, mas escolherei aqui um ponto para eu começar a aprofundar uma discussão que julgo importante: o entendimento de ‘escritura’. Nós do Grupo ATOS temos percorrido leituras e cotejado textos a fim de nos aproximarmos dessa ideia. A partir desse processo, o grupo vem entendendo também que ainda que voltemos a um mesmo tema, a experiência de reencontrá-lo é a cada vez diferente, com novas nuances. Sigo a construir contigo novos sentidos para a ideia de ‘escritura’.

O senhor afirma com Sebeok a escritura como modelação. Portanto, compreendo contigo que estás aproximando aqui escritura do entendimento de linguagem. Escritura é também essa capacidade primeira do humano de modelar o mundo, assim como a linguagem. Sim, compreendi que para Sebeok o termo ‘linguagem’ é utilizado para indicar o sistema de modelação primário específico da espécie *Homo*. Compreender com Sebeok e contigo como se deram essas mudanças em relação à linguagem (enquanto sistema de modelação) nos proporciona a possibilidade de escolher em que queremos focar, hoje, nos estudos da linguagem, da cultura e dos processos formativos. Ao colocar luz no entendimento de que a fala é processo posterior nos processos de linguagem humano, põe por água abaixo a ideia de que a linguagem tenha se desenvolvido originalmente por questões de comunicação. Estou aqui com seu livro aberto e lendo esse trecho em que está afirmada esta ideia. Em seguida, é muito esclarecedor quando nos convoca a distinguir com Sebeok a diferença entre a ‘linguagem’ e o ‘falar’: linguagem é essencialmente trabalho mental e o falar é trabalho de ouvido e boca. Parece que copio aqui tuas palavras, mas não é isso que acontece; ao mesmo tempo

que dialogo com tuas palavras, penso o quanto preciso ter esses argumentos fortes em mim para poder defender uma concepção de linguagem por meio da qual possamos nos sentir autorizados a exercer toda potência inventiva que temos em nós.

Acendo o sentido de luta na linguagem quando percebo que este vai e vem nas reflexões sobre linguagem é acompanhado de opressões, apagamentos, controles, violência. A “Ordem do Discurso”, de Foucault, é um texto que nos ajuda, por cotejo, a enxergar que não queremos prescrever o nível técnico da linguagem na criação do discurso, não queremos interditar ninguém na sua vontade de saber e que a vontade de verdade se transforme em vontade de inventividade. Que as escrituras que nós produzimos a todo momento (pois somos seres humanos em relação social) possam ser enunciados livres de prescrição, de opressão, de interdição. (Neste mesmo dia que te escrevo, Anacleta Pires, Elias Pires e Joercio Pires estão sendo intimidados pela política local por serem lideranças que estão defendendo seu território quilombola. Mas esta é uma outra história sobre a qual podemos conversar em outra ocasião).

Não desejamos o poder, ao contrário, a escritura nasce do núcleo livre do humano e não se presta a nada, é infuncional. Mas há na escritura um desejo: este de inventar novos mundos, mundos livres, múltiplos, com linguagens que possam ser reconhecidas como singulares e nós tenhamos vontade de escuta. Professor, confesso que é tão bom não ter compreendido ainda plenamente tuas proposições, pois isto me faz querer buscá-lo sempre, e outra vez, e outra. Cada vez que abro seu livro escuto novos sentidos e novas escrituras vão sendo construídas no meu pensamento, e até, às vezes, ganham acabamento em linguagens diversas como esta carta, por exemplo, ou mesmo apólogos (eu me arrisquei em escrever apólogos depois que li o seu apólogo *Babel Feliz*). Se ainda retorno a Foucault é para dizer que vejo ele encostar na sua ideia de escritura quando o senhor diz que a escritura põe em jogo os signos. Foucault crê também em um mundo dos discursos ininterruptos e cotejando com a ideia de escritura penso a escritura como acontecimento.

Hoje compreendo contigo a escritura como essa capacidade infinita de ordenar os signos, cada vez de um jeito, de um tipo; sem finalidades, só pela vontade de exercer seu lugar de humano criador responsável e responsivo. Não esqueçamos que temos responsabilidade pela prosa trivial

da vida e também pela esterilidade da arte, como apontou Bakhtin. Responder sem alibi a qualquer situação que nos convoque ações de transformação social. Criar um projeto de país sem fascismo, que escuta seus povos quilombolas e indígenas; estes povos vivem diariamente e incansavelmente em grandes lutas e aguardam nosso apoio nessa frente de resistência. Sim, sei que a festa fortalece a luta. A escritura forjada pelo núcleo livre do humano cria uma sociedade emancipada. Escuto Clarice repetir: a missão não é leve: cada homem é responsável pelo mundo inteiro. Assumo aqui, publicamente, a responsabilidade de criar escrituras com faíscas libertárias. Professor, quando o senhor nos transmite estes ensinamentos sobre linguagem, escuto seu tom de amor pelo humano inventivo, e eu daqui respondo já agradecendo tua escuta.

Saudades.

APÓLOGO 1. ASSIM ACONTECEU COM A CANA E A CARNAÚBA

Vivo aqui dentro dessa mata tão exuberante. Mata grande, extensa, pluridualogada por muitas variedades de palmeiras. O babaçu e eu (a carnaúba) somos palmeiras ricas aqui nessa Mata de Cocais, assim como a oiticica, o buriti e o açai. É possível também encontrar arbustos (espécies madeireiras) entremeados a nós: o angico, canela-de-velho, sapucaia, pau-d'arco, pau-marfim, faveira-de-bolota, sambaíba ou lixeira, candeia, jacarandá, gonçalo-alves, aroeira, olho-de-boi, pau-terra, pau-pombo, maçaranduba, cedro. Antigamente quando um humano queria ir a pé até São Luís, ia pela sombra. Hoje, vocês, canas de açúcar, vêm chegando e tomando nosso lugar e nem perguntam se podem se achar. Já tomaram minhas irmãs, já querem até se mudar daqui os encantados que vivem nessa mata. Está dizendo que é necessário isto acontecer? É um caminho irremediável? Você precisa do trabalho? Sim, vocês são realmente a solução mais simples para resolver o problema da demanda por alimentos pela população crescente. Faz todo sentido. Vocês fazem uso de tecnologias de ponta que facilitam a produção enquanto nosso trabalho é, em certa medida, um trabalho pesado, não é mesmo? As máquinas que te manejam na monocultura

seriam uma facilidade para as tais mãos calejas pela enxada. Nós bem que gostaríamos de ter essa agilidade da máquina a nosso favor como vocês têm. Mas como fica o fato de vocês nem se beneficiarem do que produzem? Fico pensando aqui na apropriação da produção. Nossa produção é para ser distribuída, a sua é para encher o bolso do empresário de dinheiro. Realmente eu confesso que às vezes sonho em conseguir uns bons dinheiros com o mercado internacional! Imagina nosso nome sendo pronunciado na boca de espanhóis, russos, indianos?! Chique, não? Olha, nosso trabalho é duro, manter a conversa interpalmeiras, expandir sementes pelo ar, ser morada de encantado. Não é mole administrar isso tudo. Eu, por vezes, penso como seria não ser síndico dessa vizinhança toda e só ficar atendendo ordens como vocês. Não precisaria negociar os espaços nem passar pelas tragédias de bichos parasitas atacando nossas áreas. Vou confessar outra coisa: não gosto do cheiro dos agrotóxicos que vocês usam, apesar de admirar a eficiência deles. Se tivesse ao menos um sabor de limão, mas eles têm cheiro de baratas. Não tivemos coragem de usar não. A ordem que vocês atendem é a ordem do mundo moderno. Nós vemos sua preocupação em acompanhar a modernização do mundo; eu até fico por horas pensando se não estou estagnada nos séculos passados e que sim, a vida hoje em dia pode ser mais ágil, e nós palmeiras poderíamos ser um pouco mais modernas também. Outra coisa: vocês se consideram mais um fenômeno técnico ou um fenômeno político? Essa é uma preocupação que nós da Mata de Cocais temos. Penso constantemente nesta história: até o século XVI as práticas agrícolas se caracterizavam pela diversidade de cultivos e pela associação da agricultura com a criação de animais e com o extrativismo (de madeira, de lenha e de frutos selvagens). Você conhece essa história? Aprendo essas coisas me pondo à escuta quando tem pesquisadores caminhando por aqui e assim vou aprendendo. Essa história toda eu ouvi do professor Carlos Walter, da UFF, no seu texto intitulado “Monocultura, técnica e poder”. Você não acredita em nada disso? Eu também desconfio de algumas coisas. O povo diz por aí que nós da agricultura dos consórcios agroflorestais, das matas variadas, somos parte de uma agricultura tradicional, que este é um programa muito complexo, e que vocês, das monoculturas, têm uma produtividade mais eficiente. Eu bem que gostaria que o buritizeiro, meu amigo, desse buriti o ano todo, mas a gente combina de cada um dar em um tempo próprio. Até já tentei

convencer também o açazeiro de dar o ano todo para que aquela família que mora perto da gente, pudesse montar uma cooperativa de açaí, mas não deu certo. Eu confesso que invejo a eficiência de vocês em produzir em alta escala. Eu, às vezes, sonho em ser empresa, mas não aparece quem queira nos financiar. Só financiam vocês que tem suporte de tecnologia de ponta, como a produção maximizada para o desempenho agrícola. Já ouviu falar em mercado mundial? Pois é, eu ouvi dizer que a introdução do monocultivo é uma das principais heranças do colonialismo, o que você acha disso? Você nunca ouviu falar de colonialismo relacionado à monocultura?

Essa história toda de monocultivo te faz lembrar a história da Torre de Babel? Certa vez sonhei que um professor de linguagem vinha a essa região, sentava aos meus pés com seus alunos e lhes contava essa história aí da Torre de Babel. Ele falava em italiano, mas eu entendia como se fosse a minha língua. Eu não lembro muito bem o nome dele... Ah, sim, lembrei! O nome desse professor era Augusto Ponzio... Não vou saber contar exatamente com os detalhes que ele contou, mas a história se tratava de uma época em que a Terra era monolíngue... É isto! A realidade era muito mais rica e complexa, e aquela única língua não dava conta. O que te fez lembrar a Torre de Babel? Acha que dá muito trabalho entrar em um campo com produções variadas? Seria mais simples se todos fôssemos de uma mesma espécie? É... pensando bem poderia ser mais simples, mas como fica a multiplicidade da natureza? Ouvi dizer que a monocultura ainda vem junto a outros dois problemas: escravidão e racismo, que tentam sustentar uma estrutura de poder pela via da violência. Queria mesmo te falar isso: estão agora denunciando os discursos racistas, e se te acusam de racismo ambiental você pode responder por crime. Sei que o empresário que te contratou, e contratou também um drone com satélite para monitorar sua produção, se apropriou de umas terras quilombolas que por lei não poderiam ter sido compradas. Pelo fato de a gente ser amiga há algum tempo, eu queria te alertar sobre esse assunto. Você está sabendo dessa história? Eles podem vir com o argumento de que você é neta, bisneta dos engenhos e abrir um processo contra você. Você já me disse que se sente um pouco subjugada pelos agronegociantes, mas eu acho bom você se inteirar desse assunto. Não dá para vir com esse papo de que é moderna e não conhece a história do Brasil. Pois te digo que essa história não cheira doce não, ao contrário, sinto gosto amargo da acumulação de bens à sua custa, cana, para

sustentar uma burguesia branca! Fica atenta, pois ainda dá tempo de você sair dessa e vir se agregar na nossa mata. Já pensou morar entre a gente, do lado da oiticica, do babaçual, da canela de velho? Na nossa mata não falta festa nem conversa! Vem com a gente!

Eu, carnaúba daqui da Mata dos Cocais, digo: minhas terras não servem para sustentar só burguesia, ela precisa chegar ao povo. Com esse argumento de que vivo em áreas de vazio demográfico, você está apenas repetindo o discurso dessa modernidade tecnológica. Vejo aqui humanos ao meu redor: seringueiros, quilombolas, quebradeiras de coco de babaçu, coletora/es de pequi. São invisíveis essas pessoas? Você não sabe o que é um pequi? Então imagina você poder conhecer o bacuri, a mangaba, o cajuí, o araticum, macaúba, anajá, puçá, murici, a guabiraba, o tucum, araçá, a pitomba, mangabeira e pente-de-macaco? Cotejando a Torre de Babel e o que explica o professor Carlos: essas populações camponesas, ao contrário desses monocultivos dos quais você participa, cana, vivem da sua criatividade cultural e fazem uma agricultura diversificada. É realmente lamentável que, depois de 500 anos, ainda temos que estar aqui discutindo isto. Estou de acordo com o professor Carlos no fato de que se houvesse um conjunto de políticas que pusesse em diálogo a ciência e a tradição, a gente estaria encarnando essa ideia do professor Ponzio de exercermos uma 'pluridiscursividade dialogada' na produção de alimentos. Cana, você não acha que esse seu monocultivo e seu monolinguismo estão desperdiçando todo o potencial que temos na terra? Reflita sobre isso. Pense bem na nossa proposta de você vir morar entremeada aqui na nossa mata de cocais. Apesar de você estar um pouco alienada dessa discussão toda, ainda pode conversar com um e com outro e, mesmo que você continue a participar desse projeto de eficiência, que tal também vir com uma parte fazer parte da nossa vida pluridialogada?

APÓLOGO 2. UM ROAD-APÓLOGO DOS COFOS COMOS VAGÕES

Toda a cena aconteceu enquanto um trem e seus vagões ultrapassavam um burro carregando dois cofos pesados. O trem carregado de minérios e os cofos cheios de diferentes tipos de alimentos. Eu, corda que amarrava os

cofos na sela do burro, fiquei escutando toda a cena, calada, estupefata. Eu estava ali acompanhando o burro, naquele sol de fim de tarde, a levar os alimentos da roça para a cooperativa. Íamos beirando o trilho do trem quando lá veio ele, de olhos já acessos, bufando fumaça. O tal humano que montava o burro vinha declamando uma pequena estrofe de “A máquina do mundo” (esse humano era metido a poeta) quando teve que parar a declamação, pois aquela ultrapassagem duraria 20 minutos e o ruído ensurdecedor tirava toda graça de poemar. E eu, corda de amarrar cofo, fiquei a testemunhar a conversa dos vagões do trem com os cofos.

Parecia a primeira vez que se viam e já tomaram intimidade a ponto de lançarem elogios e injúrias entre si. Toda a cena estava em movimento como um roadmovie aos meus olhos (ou seria aos meus nós?). E aqueles 20 minutos que o trem com seus vagões levou para ultrapassar o burro com seus cofos pareceram um corte na eternidade. Vi ali passado, presente e futuro, em corte de tempo. Nunca esqueci essa conversa que conto aqui.

O tom dos vagões era de fúria, pois sua viagem estava atrasada por conta de uma manifestação de mulheres. Elas se puseram nos trilhos do trem em protesto, atrasando seu percurso. Os vagões vinham xingando o burro que por vezes chegava muito perto dos trilhos e arriscava morrer como morriam por vezes pessoas. Os cofos ao ouvirem aqueles xingamentos, vinham em defesa do burro e retrucavam com uma injúria ainda mais pesada. Os cofos não entendiam por que os vagões estavam sendo cúmplices daquela poluição sonora, cúmplices também daquela ação criminosa de carregar aqueles minérios malignos. Os cofos sentiam que era indigno participar de um trabalho como aquele. Os indígenas já nos alertam há tempos sobre as substâncias debaixo da terra (estão no mundo para ficarem dentro da terra), é melhor escutá-los, diziam os cofos. Estes tentavam argumentar com os vagões sobre toda a loucura de empresas que exploram e devastam territórios para lucrarem, e que eles deveriam se recusar a participar desse tipo de ação. Os vagões tentavam sentir empatia pelos cofos, mas quando sentiam o cheiro degradável da palha, ficava difícil. Os cofos, por sua vez, até ficavam com um pouco de inveja do brilho dos vagões (não tinha como não os elogiar) e até sonhavam em ter certas qualidades dos vagões. Os cofos tinham ouvido falar que a empresa para a qual os vagões trabalhavam estava sendo apontada como uma das piores empresas do planeta, e eram os

vagões que acabavam pagando por essa má fama da empresa. Os cofos ficaram espantados com essa notícia, pois eles entendiam que quem deveria responder por aquela péssima imagem era o humano empresário e não um mero vagão. Os cofos também algumas vezes eram pressionados por alguns humanos. Certa vez aquele humano poeta, já tendo passado dos limites, atochou os cofos machucando suas palhas. Isto os unia, cofo e vagão, ambos percebiam o sentimento de indiferença que os humanos demonstravam por eles, e exclamavam: os humanos pensam que nós, objetos, não temos vida própria e posição no mundo! Eu, corda, ali à escuta daquela conversa, comecei a entender melhor porque aquela empresa estava indicada para pior empresa do planeta: atropelamento de pessoas e animais, trepidação e rachadura das casas, além do aterro de poços com a passagem do trem, poluição sonora, aumento do tráfego de carro, devastação ambiental e constantes incêndios provocados pela locomotiva. Os cofos tentavam até convencer os vagões a largarem aquela vida e virem viver como eles: carregando alimentos. Além da função de carregar alimentos os cofos se sentiam fazendo parte de uma rede maior: eram aliados de humanos que produzem alimentos saudáveis, sem veneno, e são também guardiões da terra. Nessa hora, os cofos começaram a declamar um poema. Sim, eles também gostavam de poesia como aquele humano que guiava o burro. E declamaram um poema de um irmão do MST, o Zé Pinto:

“Amar o campo, ao fazer a plantação
Não envenenar o campo é purificar o pão
Amar a terra, e nela plantar a semente,
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente,
A gente cultiva ela e ela cultiva a gente.”

Nessa hora, uma multidão aplaudiu de dentro dos cofos: mandioca, vinagreira, bacuri, mangaba, milho, murici, guabiraba, tucum, aracá, pitomba, mangabeira e pente-de-macaco, cajuí, araticum, macaúba, anajá, puçá. Os cofos aproveitaram e fizeram uma denúncia: vocês que percorrem essa estrada de ferro com esse trem, além de causar uma lista de danos à nossa comunidade, a empresa para a qual vocês trabalham mentiu para os humanos que moram lá dizendo que dariam uma contrapartida: melhorias

nas escolas, construção de túneis para passagens de carros e passarelas para travessia de pedestres sobre a estrada de ferro, valor justo de indenização para remoção das casas, recuperação dos reservatórios de água, trabalho de prevenção a incêndio, apoio às experiências ambientais. Passaram dois meses e não tiveram resposta. Os vagões escutavam calados as acusações (aquele tom de fúria lá do início do encontro deu lugar a outros sentimentos). Naquele momento eles pareceram se envergonhar de participarem daquele Road movie em corredor da morte. Eu, corda de amarrar cofo, fiquei atenta a cada gesto para ver se algum tom de arrependimento era entoado pelos vagões, e vi seus olhos cabisbaixos. Não estavam mais indiferentes. Naquele momento, eu tive dúvidas se aquela empresa seria cotada mesmo de pior empresa do planeta. Mas não importa, pois eu, corda de amarrar cofo, já havia presenciado um fato importante: um encontro que pode ter alterado vidas. O último vagão passou levando uns fios do cabelo do rabo do burro, enquanto o humano voltava a declamar seu trecho favorito de “A máquina do mundo”.

O MERGULHO DE KATJA

Ana Elisa Al'San

“Se imaginasse dois reinos fronteiriços entre si, que de um dos quais fosses ótimo conhecedor, mas não soubesses nada do outro, e apesar do meu desejo vivo não me fosse permitido entrar naquele reino desconhecido, seria, porém, capaz de fazer dele uma ideia (...)”

(Kierkegaard)

Eram as férias tão esperadas de Katja. Jovem, bonita, solteira, professora concursada. Katja realizava neste dia seu grande sonho de menina – *um mergulho de batismo*⁴⁶. No convés daquela escuna, seu coração se preparava para o grande momento, o momento em que estaria deslizando por um campo de vida até então apenas imaginado, criado nas fantasias de sua inteligente e buliçosa mente. O vento soprava nem tão forte, trazia o intenso azul do céu diante dos seus olhos castanhos cor de mel. Pensava nos recentes diálogos dos encontros com Marisol e o Grupo Atos. Katja procurava respostas como professora, alfabetizadora que era por uma escolha única. Mediante tão grande desafio, se embrenhava cada vez mais na compreensão-ação por uma digna educação para a linguagem na linguagem. As leituras-escrituras que fazia dos textos de Augusto Ponzio e seus saberes, exercitava sua própria e aprisionada livre-mente. O sol batia em seu rosto chocolate, esquentava sua pele, mas a brisa daquele mar era sua amiga, suavizava o calor, e deixava que seus pensamentos voassem docemente para um futuro cheio de planos, para o ano letivo que se aproximava em ideias incríveis. Ideias de jogos com aquelas crianças que já amava sem conhecer. Tudo bem. O espaço ainda estava valorado pelo tempo das férias, mas tecer o fluxo daqueles pensamentos por uma qualidade, por uma abertura aos saberes da linguagem na linguagem, fazia Katja se sentir feliz. Incitava-a. Era o que queria. Reinventar o mundo a cada instante com as crianças.

⁴⁶ O mergulho de batismo é uma forma de iniciar uma experiência subaquática com o uso de um cilindro de ar comprimido. (<https://aguavivamergulho.com.br/bati>)

Nos encontros com o Grupo Atos, Katja havia compreendido que uma educação linguística é um processo de formação permanente, de ensinar e aprender na mesma sacola-sacolão. Gostava de viajar com Sebeok na teoria dos sistemas de modelação, que prevê um campo de interação entre a semiótica e a biologia. Lembrava-se de que à luz da semiótica considerada como uma teoria dos sistemas de modelação, a semiose – uma capacidade criterial de todas as formas de vida – pode ser definida como a “capacidade de uma espécie de produzir e de compreender os tipos específicos de modelos requeridos para organizar e decodificar input perceptivos à sua própria maneira” (Sebeok e Danesi, 2000, p.5 – apud Ponzio, p. 27).

O som do axé estava bem alto para animar a galera que ia fazer o batismo. Alguns dançavam, outros se abraçavam, se beijavam... Muita fruta, refrigerantes... E a semiótica agarrada como reflexão tão somente humana não saía do circuito. Era uma experiência antropossemiótica embaralhada culturalmente por entre signos, corpos e mente no espaço intertextual daquela animada embarcação.

A cabeça de Katja afunda gradativamente com a segurança de seu instrutor... respiração alongada para poupar oxigênio. Ela ia deslizando, escorregando para dentro das límpidas águas. Se ela acreditasse em experiências de outras vidas diria que tinha sido uma golfinha, tamanha sua familiaridade com aquele mundo subaquático. O laranja que surge no primeiro cardume de peixinhos não chegava nem perto do laranja de suas fantasias. A experiência na realidade transformava todos os textos de peixes e corais gerados na relação comunicativa entre eles em interpretantes vivos. Um conjunto de textos que contava com a leitura da presença humana.

Embevecida que estava, Katja tinha um insight após o outro de sua consciência como material sógnico. Processava, reformulava, reorganizava no enriquecimento dessa experiência singular. Sua consciência desperta na realidade do momento vivido, só estava sendo possível através da linguagem, da consciência linguística presente na experiência em intertextualidade. Katja aprofunda a visão. - *É claro, uma formação linguística só pode ser sógnica também*, pensou. Conversar com os peixes? Verbalmente? Nem com os corais isto seria possível. Mas isso não significava que um tipo de relação não estava a ser estabelecida por aquele encontro tão molhado de cores e sentimentos. Muitos olhares foram trocados.

PUPILAS SE ABRAÇARAM



Maria da Toca – fonte da internet

A alma plurilinguística da comunicação humana alargava suas fronteiras mediante aquele mergulho revelador. O selo de que um processo de alfabetização deveria estar amalgamado à uma educação pluridiscursiva - havia sido carimbado. Katja compreendeu as palavras de Ponzio e as responderia com seu ato responsável.

Uma educação para a PLURIDISCURSIVIDADE DIALOGIZADA – “para o encontro dialógico de mais línguas e de mais linguagens que não se limitam a coexistirem em uma comunidade ou indivíduo, mas se confrontam e se conhecem reciprocamente”⁴⁷

⁴⁷ (Ponzio, 2020, p.58)

CRIADA EM CAMETÁ/PA

Helen Dias

Parente, é com amur que vu falar de onde eu su

De Cametá, que tar!?

Pérola du rio Tocantins, que na abertura da pesca fica toda a brilhar

Brilha de tantupopopo, que furu buscar missidade de Mapará

O Mapará que deixa o rio prateado

O puvo tudo maravilhado, com esperança e de novos dias.

Vem parente, cumer o maparámuquiado e ficar encantado.



Fonte: gazeta de Cametá/internet



Fonte: <https://agenciapara.com.br/midias/2021>

"NENIU SCIAS PAROLI ESPERANTON"

Reinaldo Ramos da Silva

O título desse trabalho é uma blague com o verso da canção "Miséria", de Arnaldo Antunes, Paulo Miklos e Sérgio Brito, que diz "ninguém sabe falar Esperanto", uma língua artificial, planejada por um médico judeu no final do século XIX e que não logrou êxito em sua pretensão de universalidade. Quando a divindade condena a pretensão de ascese por meio da univocidade monolinguística, o que há é um espalhamento à res do chão da nossa pluralidade. Há uma relação constitutiva do humano com as dimensões do não saber e do não traduzir, seja a tradução da ordem do que se pretende em potência, mas não passa ao ato com a exatidão do desejar entender-se, seja a tradução da ordem do estranhamento com o outro, com a outra língua, com o outro universo cultural e seus acordos intersubjetivos que escapam ao conjunto de referentes que temos em nossos acervos mentais. Há uma relação constitutiva do homem com a abertura, com o não finito. E esta relação atravessa as posições que o homem assume diante de seus discursos sobre o que ele compreende como o real, ou o real possível.

Wittgenstein em sua obra "Investigações Filosóficas", desenvolve um argumento que ficou conhecido como "o argumento da linguagem privada", no qual questiona qual seria o fundamento que nos autoriza a admitir que o uso dos mesmos referentes para situações vivenciadas de forma pessoal representa em essência a presentificação de um mesmo fenômeno, qual a garantia ontológica para a comunicação? Ou se não seria possível desenvolver um vocabulário individual, privado e específico para as coisas e sensações que me ocorrem no plano subjetivo em minhas relações com o mundo de modo a tornar-se potencialmente inacessível, indecifrável, inacessível, incognoscível a outrem? Segundo Wittgenstein, não somos ensinados a usar uma palavra para significar um objeto, mas para representar e substituir simbolicamente uma sensação ou comportamento naturais. Para ele, não aprendemos os nomes das coisas, mas comportamentos expressivos que substituem os comportamentos naturais. Aprendemos regras sociais para o uso das palavras, o que ele denomina de teoria dos jogos de linguagem. Retomando o

mito babélico, o ágon, a disputa, o jogo, só é possível mediante a existência do outro, da diferença, da hiância, do espaço entre as coisas.

A noção de linguagem como convenção em Wittgenstein suplanta a ideia de linguagem por correspondência e aponta para a questão da inescrutabilidade e relatividade da referência em Quine. Quine argumenta a favor da indeterminação radical da tradução radical e da impossibilidade de determinar a força referencial entre linguagens não relacionadas. No exemplo de Quine, um linguista ocupa-se da tradução da linguagem de um povo até então desconhecido e é confrontado com a expressão “gavagai”. Os falantes da linguagem em questão usam esta expressão precisamente nos mesmos contextos em que usamos o termo “coelho”. Ao que tudo indica, “gavagai” e “coelho” são sinônimos. Quine, porém, defende que uma tal inferência seria imprecisa. Não só “gavagai” e “coelho” poderiam não ser sinônimos como não há qualquer garantia de que os dois termos tenham qualquer relação de coextensionalidade. Efetivamente, enquanto “coelho” denota objetos físicos que perduram, “gavagai” poderia denotar um segmento espaço-temporal de coelho, uma parte isolada de coelho, ou mesmo a exemplificação particular de um universal, “Coelho”.

A comunicação não pode prescindir da vagueza, da plurivocidade e da ambiguidade porque é na hiância entre a palavra e as coisas, no movimento triádico entre signo, o significado e significante que a linguagem espraia-se para fazer girar a comunicação. Há sempre um resto, aquilo que a psicanálise refere como sendo do domínio do inconsciente, onde se instaura uma linguagem pré- simbólica que não é atravessada pelo movimento objetivo da ação comunicativa que visa o entendimento público ou se submete ao escrutínio analítico da linguagem ordinária, da cognição primária. No mito babélico ressoa uma certa nostalgia da univocidade linguística perdida. A ideia de chegar ao céu mediante a edificação de uma torre alude à possibilidade de um entendimento que transcende a questão da linguagem, mas que aponta para uma univocidade que bane a discórdia, o mal entendimento, as disputas do campo das identidades subjetivas e sociais que marcam a inclinação humana para o conflito. A concórdia do entendimento universal era condicionada à uma ideia de totalidade patrocinada pela submissão a uma autoridade divina. Sem o recurso à divindade, no plano da imanência, seríamos todos imaginariamente inclinados de forma espontânea

a um entendimento perfeito, sem os deslizamentos e arestas que a palavra emprestada às coisas traz em sua própria constituição. A autoridade transcendente, o fundamento ulterior dessa linguagem espontânea e universal, atua no mito babélico como limite a não ser ultrapassado pela razão humana - se é que podemos falar em "razão" no sentido do logos grego, pois se afigura aqui uma relação quase que simbiótica entre ser e pensar, não prescindindo da palavra. O humano é por definição aquilo que sai da ordem das coisas, o que existe no entrelugar, o que vaga. O que tende à queda. O humano é sempre resultante de uma debacle, e é a palavra o signo do humano, "o verbo feito carne". Essa cópula entre carne e verbo, signo e significante que autoriza nossa errância.

Somos seres capazes de linguagem porque somos seres capazes de transgredir. Se a imagem e semelhança em relação à divindade não pode ser subsumida a partir de características fisiológicas e materiais (o que nos levaria a pensar em um Deus que caga ou questionar por qual razão ele não é asiático, negro, mulher, anão, amputado, whatever), e se Deus é o "supremo criador", não cabe dessemelhança e desobediência mais grave à divindade que fazer-se obediente e repetidor de formas pré-concebidas de ser e de existir. É uma traição dupla, ao humano e à divindade.

A cisão que a divindade opera é no sentido da punição pelo desejo do homem em "tocar o céu" pelo uso da linguagem. Tanto no mito edênico, quando a queda se dá pela prova do fruto da árvore do conhecimento - que nos atira no mundo do trabalho e da transform-ação, quanto no mito babélico, onde a profusão de línguas nos atira no universo da diferença, a transgressão é a gênese do humano e o vento que nomadiza. A passagem do paleolítico para o neolítico é, portanto, em alguma medida um processo de nomadização e errância, ao contrário do que consagra a historiografia - pelo menos em um sentido estrito. O homem se sedentariza geograficamente enquanto o humano se nomadiza na dimensão da linguagem.

DITO QUE SE COMUNICA

Georgine Botelho Tostes

Que
Universo
É Esse
Minha gente?

Li**N**guagem
Comunicação
Semi**O**se

Semiótica
Modelação

Iconicidade
Estratégia básica de várias **f**ormas de vida

Mensagem
Multiplicidade
interpretante
Interpretado
signifi**C**ante
signific**A**do

Escritura
Al**t**eridade

con**T**extualidade
inte**R**textualidade
pl**U**rilinguismo
Monolinguismo

Torre de **B**abel

“A linguagem é o **p**rincipal instrumento de
Re**C**usa, para o homem, do mundo
Assim como ele é”.

YÚ

Victor Branco

Quis o destino reunir-me à minha avó paterna mais uma vez, no mesmo quintal. "Mais uma vez" porque nos primeiros anos da infância também morei no mesmo quintal que ela. Dona Lúcia cuidou de mim quando bebê. Diz ela que ensinou a minha mãe como cuidar de mim.

Segundo o seu testemunho, ensinou-me a comer feijão e arroz. Enrolava o bolinho da mistura com farinha, tascando-o boca adentro do netinho. E o neto, assim, aprendeu a comer feijão e arroz.

Nos seus primeiros meses de vida, o netinho recebia a visita da Dona Lúcia. Antes de morar no mesmo quintal da avó, o netinho morou em outro quintal em Trindade - bairro de São Gonçalo. Dona Lúcia, como até hoje, já residia em seu quintal, em Itaúna, São Gonçalo. A avó peregrinava de um bairro a outro, para ajudar a mãe do netinho em seus cuidados, saindo de Itaúna, andando até Trindade.

A avó ensinou o netinho a comer! Ensinou a andar, dar um passo após o outro. Cuidou dele, como cuidou de suas crias, cinco ao todo, quatro homens e uma mulher.

Anunciação tinha dozes anos de idade, quando recebeu um telegrama de sua irmã Maria. "Tem trabalho em Niterói... um casal de alemães". Lúcia, como era mais conhecida, já era resoluta, menina decidida. Trabalhara na lavoura do pai toda a infância. Trabalhava-se pesado na lavoura. Lúcia aspirava sair do interior, conhecer a cidade. Disse ao pai que iria. Seu Manuel, português de olhos azuis, dizia que não. Lúcia não arredava o pé. A conversa durou até à meia noite. O português que era duro na queda, cedeu. Lúcia iria trabalhar fora, em casa de família.

Às 5h da manhã, ela estava de pé. Tudo já estava arrumado desde o dia anterior, pois assim que recebera o telegrama da irmã, Lúcia correu e arrumou as suas coisas, mesmo antes da permissão de seu pai. Não foi fácil para seu Manuel. Lúcia era seu xodó. Carregava a menina de um lado para

outro. Quando ia para o centro de Iguaba Grande, deixava as crias em casa, com exceção de sua preferida. Com ela, fazia todo o percurso que o trabalho lhe exigia.

Lúcia e seu Manuel peregrinaram do interior ao centro. O sol ainda por nascer, uma parcial obscuridade os enredava. Pouco se via do passo que ia adiante, pois pisavam em mato, tudo era trilha, não havia estradas naquela época. Estamos falando de 1945!

Lá, as bombas que explodiam eram no coração de Lúcia, menina valente, decidida desde os doze anos de idade. E o coração que se partia era do seu Manuel, pois a sua preferida ganhava rumo, escapulia para longe.

Pegou o ônibus para Niterói. Obviedade, nada conhecia. Saltou na rodoviária, perdida. Se não fosse a irmã que a esperava, não tinha direção. Se bem que não seria difícil para Lúcia encontrar o caminho, tamanha a audácia da menina.

Ela e o irmão mais velho aprontavam! Gostavam de pregar peças nas pessoas. Sábado era dia de baile. No interior não se tinha estradas. Anos 1930 e 1940. A dupla colocava umas armadilhas no meio do caminho. Cardozo, seu irmão mais velho, amarrava umas cordinhas no meio do mato. Um pouco à frente da armadilha, cagava-se uma boa merda. A bosta ficaria aguardando o desavisado. Ao tropeçar na cordinha, camuflada no mato, a vítima caía na bosta.

"Seus filho da puta", gritava a vítima. Lúcia e Cardozo riam de rolar no chão, escondidos, claro.

"Eles mi chamavam de Yú! Dona Margot e Seu Henrique foram meus pais emprestados. Eles mi dhavam de tchudo. Me enchiam de jóias. Eu ganhava muito bem. Dhava o dinheiro tchodu pra mamãe. Papai na época já tinha morrido.

Tchodu sábado, eles, Dona Margot e Seu Henrique se reuniam pra tocar violino e piano. O professor de música deles tchabém ia. Depois de

cuidar da casa, eu ficava sentchada, tricotando, só escutando Seu Henrique no violino e Dona Margot cantchando e tocando piano. Era tão bom..."

Seu Henrique e Dona Margot gostavam de levá-la ao cinema. Quando chegava do trabalho, Seu Henrique falava com a esposa para levar Yú ao cinema. Pensavam os dois, estarem em segredo, pois falavam em alemão. Mas, Yú era esperta, já os entendia quando falavam em alemão. Ela corria para o quarto, deixava a roupa preparada, apenas aguardando o anúncio do passeio.

Hoje moro novamente no mesmo quintal de dona Lúcia. Ouço as suas histórias, pertinentemente repetitivas. Ela narra as mesmas histórias, dia após dia. Aos 89 anos de idade, narrar para ela tornou-se uma conclamação à existência, aquilo que lhe garante sentido. Eu, boquiaberto, ouço os episódios de sua vida. As histórias que se repetem sempre trazem algo de novo. Ativamente, também vou perguntando, entrando nessa infindável estrada.

Coloco as mãos na terra, ela me guia. Diz como semear, conta como fazia na roça. Narra como deixou o quintal cheio de plantas, daquelas que nos dão o de comer, também daquelas que nos dão a contemplar. Sujo as mãos na terra. Ela se queixa. Diz que ninguém quer plantar, mas colher todos querem.

Passeamos pelo quintal, aquele mesmo da infância. Retornei para ele, depois de 23 anos aproximadamente. Saí de Niterói, para morar no mesmo quintal de dona Lúcia. Mas, ele não é o mesmo que anos atrás. Antes não tinha a terra entre nós. Não que não houvesse terra há anos atrás, certamente tinha. Na época o netinho também brincava com a terra. Mas, não conhecia as sementes.

Hoje, sujo as mãos na terra, plantando, como ela fazia. Ela, por sua vez, diz como fazer como cada semente. "Semente não se joga fora, se planta...". Tomei para mim. Aprendo com dona Lúcia. Aprendo com Yú. Aprendo com a menina Lúcia. Ela que saiu de casa aos doze, para trabalhar fora. Viveu e trabalhou na casa de Dona Margot e Seu Henrique até os vinte

cinco anos de idade. Só saiu para casar. "Foi uma choradeira... o motorista do 'taqui' perguntou se era minha mãe. Era minha patroa, disse para ele. Disse que nunca viu uma patroa chorar por causa da empregada...".

Aprendo com Dona Lúcia que criou os cinco filhos, encaminhou a todos. E sozinha, pois o marido tinha problema com álcool, deixava furo em casa, torrava o dinheiro na cachaça. Mas, ela trabalhou duro e deu conta do recado.

Ela deixou o pai do netinho construir uma casa no seu quintal. Hoje, é o netinho que mora na casa. Ele ouve curioso, as aventuras e desventuras da menina Lúcia que enfrentou a vida na cara e na coragem, viveu sem arrependimentos.

Ainda há muito a se contar, não é mesmo Yú?! As palavras, no entanto, encontram as margens. Fico também por aqui, encontrando o silêncio, descobrindo as novidades das histórias que pertinentemente se repetem.

A CUIA

Angélica Domingas

Na manhã de verão Constância esteve no sítio de sua avó, depois de tantos anos longe da vivência dela. Em seus guardados vive um artefato que une seus pensamentos. Uma cuia, fruto da cuieira, uma árvore frondosa que está lá no sítio de sua avó. Tantas lembranças da época que ainda tinha de criança que num piscar de olhos estavam presentes em seu ser: os cheiros, a terra encharcada d'água, os desafios de andar a cavalo ou mergulhar as pernas no lamaçal que espalhava por toda parte. O rio que todos os dias Constância tomava banho e carregava água, na cuia da cuieira plantada do quintal da casa de sua avó para que tivesse água fresca era perto da casa. Sentava-se do lado de sua avó e acendia o seu cachimbo. Coisa que unia por demais as duas para uma puxada de assunto. Sabe Vó...e assim puxava um papo que ia longe.

Oh! Vó sua benção, lembrava do ritual de beijar a mão sentindo a textura da pele já envelhecida pela vida dura do campo e seu cheiro de trabalho. Sentada do lado da avó e logo já perguntava: a senhora quer pitar? Que ternura sentida com o encontro delas nas tardes de verão, com o cheiro da chuva na terra e as mangas caindo no quintal. Os porcos começavam a se mexer fuçando a terra na direção exata das manguinhas caídas, tão frescas que exalava um cheiro delicioso. Dá vontade de comer, não se pensa em mais nada. Constância se anima e fala para sua avó que não mais vê pelos olhos, mas vê pelo barulho formado no quintal, vê pelo cheiro das mangas caídas, dos ruídos dos porcos e do barulho do riacho perto de sua casa. Seus olhos não permitem mais ver as cores... Em um movimento com a cabeça diz a menina Constância, olhando para sua avó, que a vê pelo tom de sua fala que já se vai adiante saindo porta afora com a cuia na mão para trazer umas mangas disputadas com os porcos em uma corrida de quem chega primeiro no manguezal. Não demore filha, tome cuidado... Pode deixar vó daqui a pouco "tô" de volta.

Constância olha pra cuieira pensando nestas lembranças vividas tão cheias de vida. Pensa na voz de sua avó ao dizer venha acender meu cachimbo Tancinha. A cuieira está lá frondosa no quintal de sua avó. Constância senta o seu pé e pensa horas a fio das vezes que pegava água fresca no rio, da vontade

de pegar as mangas com os porcos. Sente o cheiro das fumaçadas do cachimbo... olha a cuieira e fita a mais madura para substituir àquela que de tão velhinha se perdeu na mudança do caminhão. Depois de cinquenta anos volta para o sítio e se esforça para lembrar de onde sentava olhando os tijolos que restavam no chão, de uma casa que se foi. O manguezal ainda lá com tantas frutas caindo que se escuta a batida no chão. Ora, ora, não é que apareceram alguns porcos fuçando o chão e descobrindo as mangas caídas! Ahh! não há mais como Constância competir uma corrida com eles. Mas os porcos devem ser da vizinhança.... pensou alto! Vó eu vou levar uma cuia nova tá bom?! Um grande abraço vú! Abraçou a si mesma como se estivesse abraçando a sua querida avó que trançava seus cabelos brancos e amarrava-os com um coque no centro da cabeça para trás. Ficou alguns segundos assim... veio uma paz em seu ser! Um leve sorriso! E na memória se fez presente sua avó, que sempre acolheu a Constância com os braços e mãos entorno do rosto e cabeça, acariciando e tomando a benção como uma reza de bem-aventurança!

ABRAÇOS E COTEJOS
**O encontro das enunciações de Augusto Ponzio em *Livre Mente* e
uma mãe recém-nascida**

Daniele Fontam do Nascimento Cerqueira

“Ela escondia suas vergonhas
Dentro de um All Star preto.

As vozes disseram:

- Deixe-os sentir a brisa!

Ela:

- Tenho medo...

As vozes:

- Que medo, nada! Tem cordinhas...
Fios por onde puxar...

Depois do confronto, ela foi.
Lá estavam eles, nus, ao vento.
Então, se vê tomada pelo ato”.
(Daniele Fontam, 07/2019)

Abraços e cotejos

Dos abraços com Augusto Ponzio, Marisol, Bakhtin e outros, transbordam enunciações. *Livre mente* (Ponzio, 2020) me convidou a pensar sobre os processos cognitivos – de pensamento - e a educação para a linguagem, tendo como ponto de partida a semiótica como *ciência da vida, ciência dos signos* (Sebeok). Signos esses que têm como morada a consciência, lugar em que o signo encontra outro signo. Augusto Ponzio costuma dizer que nós somos signos, somos textos. O que nos faz signos – textos com sentido – são as *relações contextualizadas* (Volóchinov). Um signo sozinho não é nada, ele só existe a partir do momento que se relaciona. A semiose é essa teia de

relações na qual desenvolvemos nossa capacidade de linguagem através de enunciações.

A entrada do ser humano nessa cadeia sónica é a enunciação responsiva – eu falo em resposta ao outro. O outro me provoca a responder. Nessas relações, o que por mim é enunciado não é meu, e sim um produto das minhas relações, da minha história, da história de todos aqueles que me antecederam. O que eu falo, escrevo, produzo passa a ser signo quando não é mais meu, quando eu lanço no mundo e abro o sentido do que produzi para outros, que trazem seus interpretantes como resposta ao que enunciei. Só assim um signo é signo – eu lanço um enunciado que abre sentidos e geram textos que respondem de forma responsiva. Todo esse movimento só é possível quando concebemos a alteridade. É o outro em nós e nós no outro.

E de tanto ir ao encontro desses abraços e cotejos, que hoje não consigo mais pensar em ensino da língua sem considerar a linguagem, a vida. E nesse contexto, o ensino da língua como hoje acontece na maioria das escolas, me soa como um processo um tanto quanto violento, castrador, invisibilizante – no sentido de apagar os atravessamentos e a história das pessoas que ali estão.

Peirce classifica os signos em alguns tipos. Dentre eles está a iconicidade, que Sebeok acredita ser a *forma mais difundida de semiose* (Ponzio, 2020). A representação icônica, falando de forma muito resumida e se referindo aqui especificamente ao ser humano, é quando há uma relação entre nós – enquanto signos – e um referente, através de imitação, simulação. Acho que Ponzio chamaria essa relação de lúdica, no sentido de trabalho. As escolas de hoje, em sua maioria, tendem a castrar a representação icônica. A cópia e a reprodução ocupam um lugar muito grande nesses espaços.

Nesse sentido, temos a tendência de achar que essas práticas nos espaços escolares destroem a autoria da criança. Mas apesar de nossas práticas serem autoritárias e mortificantes, não conseguimos de fato destruir a capacidade da criança de ter autoria e criar cultura. Marisol diz que “uma criança é antiquíssima e ancestral. É equipada e preparada para resistir, porque a humanidade foi”. Entretanto, os processos da escola podem até não matar a capacidade de autoria, mas ensinam, conduzem a criança a classificar o mundo, a dar finalização ao que de natureza é inacabado. Isso impede a rede sónica, porque já classifiquei, nomeei, rotulei aquilo com o qual me relaciono.

As enunciações de Ponzio e os emaranhados de uma mãe recém-nascida

Durante a leitura coletiva de *Livre mente*, Augusto Ponzio e Marisol me abraçaram, me acolheram carinhosamente, me afetaram completamente. Nunca mais serei a mesma Daniele. Mas nesse caminho, alguns abraços me bagunçaram e os afetamentos foram diversos. Augusto, Marisol, o Grupo Atos e outros companheiros de leitura de *Livre mente* me encontraram mãe. Uma mãe acabada de começar – tomada por um amor inexplicável, imensurável, que transborda para além do corpo. Uma mãe vivendo o ato mais lindo e grandioso que a vida poderia lhe apresentar. E ler *Livre mente* assim – mãe – foi único, irrepetível e desafiador.

A pesquisa da tese que estou produzindo atualmente, antes, já era a minha vida, a minha verdade, a minha luta. Agora então... vida e pesquisa se misturam num emaranhado de coisas que quero ser e viver, interferindo na minha maneira de ver, estar e responder ao mundo responsivamente – sem álibi.

Depois de três anos habilitada como família adotante, no dia 04 de dezembro de 2020, recebo pelo telefone a notícia de que poderia ser mãe. Nossa! A visão embaçou, as pernas tremeram, a pele suou, o corpo não me obedecia – uma confusão de sentimentos e sensações. Uma foto pelo WhatsApp – a imagem mais linda desse mundo – e algumas horas depois, o nosso “sim”, meu e do meu marido. Desse dia em diante muitas viagens ao Rio, estadias em casa de familiares queridos, a distância de casa, do marido, idas e vindas de Uber, reuniões na Vara da Infância, um cansaço que não abatia, só fortalecia, moldava uma mãe potente, valente e corajosa. Era a existência me preparando para o que viria.

No dia 23 de março de 2021, finalmente trouxe meus filhos para casa definitivamente – vida nova começava – Nascia ali uma mãe Daniele, um pai Felipe, um filho Vinícius e um filho Miguel. E na aula que Augusto Ponzio nos deu, na disciplina de *Processos cognitivos e educação para a linguagem*, quando ele leu o poema do argentino Jorge Luiz Borges, chamado *A nostalgia do presente*, foi fácil entender o que é sentir saudade do presente, do que está aqui, bem na sua frente – “estás aqui e já sinto a sua falta. Sinto a sua falta enquanto estás aqui”. Eu não acolhi só os meus filhos. Acolhi os meus filhos e a história deles, como tudo o que poderia vir. Nesse momento tive a certeza

de que nunca mais teria medo; daquele dia em diante lutaria com e por eles com todas as minhas forças. Agora não tem mais espaço para *esconder as vergonhas*- nem dentro, nem fora do All Star preto.

E o que isso tem a ver com *Livre mente*, com a disciplina dada por Marisol e Augusto? Tudo. Tudo se relaciona, interfere, afeta. Meu filho de 11 anos pouco foi à escola - não sabe ler (no sentido socialmente aceito) nem escrever. Meu filho de 8 anos nunca foi à escola. E desde os nossos primeiros encontros eles tinham um desejo, um pedido: “ir pra escola, aprender a ler e escrever”. Por determinação legal, um teria que ser matriculado no 4º ano e outro, no 3º ano. Matriculá-los em uma escola pública ainda era uma questão para nós, então acabei os colocando em uma escola particular. Não pensei que a pandemia causada pelo Covid-19 tomaria essa proporção. Se soubesse, hoje estariam na escola pública. Pelo menos assim teríamos a possibilidade de não ficar tão presos aos milhares de compromissos e normas da escola particular.

Conforme meus filhos foram entendendo essa nova fase de suas vidas, só aumentava a vontade deles de aprender a ler e escrever. Se acostumaram rápido com a escola particular, suas normas e compromissos. Não só se acostumaram, como gostaram. Miguel um dia disse - “mãe, é um pouco chato e difícil, mas eu gosto. Eu quero aprender as coisas”. Vinícius não pode nem ouvir “amanhã você não vai poder assistir aula”. Ele quer participar das aulas online todos os dias, quer ficar em frente ao computador até o final, quer dar tchau para professora e para os colegas. Miguel já perguntou várias vezes, ao ver e ouvir os colegas lendo trechos de textos durante as aulas: - “Mãe, todos os meus amigos já sabem ler”? Meus filhos querem preencher as linhas dos livros didáticos (tomara que por pouco tempo) e não se sentem capazes de fazê-lo sem copiar um modelo pronto.

Diante desses acontecimentos da vida eu dormia e acordava pensando nessa urgência dos meus filhos em aprender a ler e escrever. Eu pensava “eles têm pressa”! E todas as vezes que eu me via inclinada em aceitar essa caixinha fechada, esse modelo de ensino de leitura e escrita, que geralmente é proposto nas escolas do Brasil, as palavras de Augusto Ponzio apareciam para mim como uma cena já vivida mil vezes: “Não se aprende do simples para o complexo”. Então, eu voltava para os atos da vida e deixava que eles tomassem o lugar dos processos cognitivos da educação e da linguagem. E assim as coisas foram acontecendo... Sem nem saber identificar

todos os numerais de 1 a 10, Miguel via no livro e no quadro branco da sala de aula, continhas de somar com centena, dezena e unidade. E eu ali do lado dele tratando tudo aquilo como se fosse a coisa mais simples do mundo: ia de ordem em ordem: - “filho, quanto dá três dedinhos (contar ele sabe muito bem, nunca perde a conta) mais 6 dedinhos”? Ele esticava os dedinhos em sua frente, contava com a destreza de um mestre e respondia sem dúvidas: “é 9, mãe!” - “Então, põe o 9 nove aqui embaixo” - eu apontava. E ele continuava sem se embarçar: “mãe, qual é o nove mesmo”? E eu mostrava. E assim foi com o “invente um novo final para essa história” e com o “explique com suas palavras o que o autor quis dizer com *novinho em folha*”. E até hoje eu fico me perguntando: será que isso é estar aprendendo a partir do complexo? Eu ainda não sei...

Meus filhos estão construindo suas próprias Torres de Babel e os limites da escola parecem não lhes atrapalhar. Eles falam sobretudo: o meteoro que atingiu a Terra na época dos dinossauros, sobre o DNA, sobre os vários *Modos Turbo* do *Max Steel* (um herói de desenho animado que eles adoram), sobre o tamanho da cabeça do homem de neandertal... Para mim, eles já sabem ler. Leem esse mundo lindo e diverso de uma forma única e irrepetível. Sabem também escrever. Enunciam com a presença de quem tem consciência de tudo que os afeta. Trazem interpretantes - produtos de suas relações diretas com esse mundo real no qual eles são e estão, como Vinícius e Miguel, modelando - como capacidade espécie específica do homem - e aprendendo com os processos da vida.

Não sei se estou fazendo certo e nesse exato momento, acabo de chegar à “conclusão” de que não quero saber. O que tem me movido é o amor e isso basta. Um amor absoluto, que respeita a história, a ancestralidade e a força dessas duas pessoas que agora fazem parte da minha vida - não tem mais volta. Talvez amanhã eu acorde e decida tirá-los da escola particular, ou talvez não. Mas esse e nenhum outro motivo serão usados por mim como desculpa para não respeitar a palavra deles - o que pressupõe a escuta. Palavra que para mim tem peso e é carregada de sentido. Palavra que cria e recria, que incomoda e se incomoda, palavra outra-dele - dele Vinícius e dele Miguel. Esse é o ato mais lindo que já vivi e quero ser e estar nele com responsividade, trazendo a alteridade como base e, definitivamente, sem álibi. E é por isso que o All Star preto não me cabe mais: não tem mais espaço para

a vergonha ou para o medo. Calçar as sandálias se tornou urgente e necessário.

Vinícius e Miguel – sal da minha vida.





TEXTOS SÃO TAMBÉM PESSOAS

Minna Gondim Marques Rodrigues

Esse é um trabalho de fim de semestre. Para responder ao que foi pedido escrevo misturando conversas. Essa escrita conversa com um projeto de pesquisa, com pessoas e conversa com textos. A conversa com o meu texto-projeto quer saber: o que é a escrita de uma criança? E arrisca responder: uma escrita-infância. Não é a escrita infantil no sentido de uma escrita primária. Ou talvez seja justamente isso se *primária* for tomada no sentido de primeira, de novidade, de surpresa.

Quando criança eu aprendi a escrever na escola. Aprendi a escrever para atender a uma necessidade colocada *pela escola*. Respostas que estavam no texto lido. O que o autor queria dizer. A afirmativa correta. Depois, pela vida, fui fazendo outras escritas. Escrevi bilhetes e cartas, escrevi diários e até poemas. Isso foi, o que na minha escrita, mais se aproximou de uma escrita-infância. Escrevi ainda trabalhos, projetos, artigos. Sempre preferi as folhas já pautadas. Uma escrita medrosa, de lápis. Às vezes uma escrita treinada querendo movimentos desenhados, seguros. Letra de menina, letra de professora... Minha escrita foi se fazendo nos cadernos de aula e de plano, nos quadros negros e brancos, nas telas de computadores e celulares. Cada vez menos criança, menos infância, porque repetia o que já tinha sido dito em conteúdo e forma.

Então comecei a conversar com outras pessoas e aos poucos eu fui aprendendo a ler, inclusive textos, e enquanto aprendia a ler ouvindo ia me reconhecendo *texto em escrita*. Texto voz, texto corpo, texto roupa, texto gesto, fala, tatuagem. E ia começando a gostar de escrever.

Uma dessas conversas começou com a proposta de leitura coletiva de um livro. Essas pessoas, que também escrevem textos, se reuniram lado a lado numa tela e aceitaram o convite de alguém que enquanto lia traduzia e trazia sentidos possíveis vindos de outras línguas, de pessoas, textos viventes de outros lugares. Os que aceitaram o desafio seguiam semana a semana a leitura do livro. Texto que era um, para cada um que lia e que ouvia. Para mim falava de crianças que aprendem a ler, para alguém falava de fotografia e para outro de cultura ou de maternidade. A conversa tecia falas e leituras, dúvidas,

descobertas. E silêncios pensantes. Textos se reescrevendo em forma de pessoas.

Enquanto conversávamos com o autor, Augusto, ele conversava com outros linguistas de outros tempos. E nos apresentava conceitos e ideias em uma área de conhecimento não familiar. Pelo menos para alguns de nós. E quem éramos nós? Professores, pesquisadores, doutorandos e mestrands, curiosos. A conversa com o texto trazido de outra língua ora falava no pé do ouvido, ora gritava querendo fazer alarde! “Atenção aqui no que digo! Disso é preciso que se saiba sobre crianças e fotografias! Isso é preciso.”

O texto falava de conceitos teóricos, bases epistemológicas, fazia uma crítica incisiva à prática escolar e me fazia pensar a alfabetização das crianças das classes populares, e a relação entre ler e escrever e entre falar e ouvir e de que forma o processo de escolarização trabalha o aprendizado da língua. E... e... e...

Quando eu comecei a trabalhar com as crianças ensinava a elas as letras, mostrava primeiro as vogais, depois as consoantes, escrevia e lia com elas as sílabas simples mostrando como elas se juntavam formando as palavras. Fiz isso por muito tempo e era quase feliz. Essa perspectiva de caminhar do mais simples para o mais complexo acredita numa competência linguística que vai se construindo num acúmulo de informações que a professora vai oferecendo às crianças até que elas sejam capazes de compreender a relação do som da fala e a escrita da palavra. Uma linguagem transcrição.

Certa vez alguém me contou sobre uma criança que disse à mãe enquanto fazia o dever de casa: “Ainda não posso escrever essa palavra porque a professora ainda não ensinou essa letra.” Quanta coisa para pensar tem nesse equívoco de compreensão sobre como as crianças aprendem ou ainda no porquê achamos que elas não aprendem. Neste ponto fica claro a necessidade de compreendermos as concepções de linguagem que embasam o ensino da língua na escola e suas práticas. E para este projeto o mais importante: como as crianças nos respondem. O que elas escrevem, quando e como escrevem.

Nem sempre era fácil entender o que as pessoas naquela tela conversavam. Citavam textos outros que conversavam. A isso chamavam cotejo, colocavam em conversa pessoas-textos de outros tempos e lugares.

Tomavam palavras e se ocupavam delas, despiam até onde podiam. E eu ficava tentando compreender onde concordavam e a partir de onde o que havia era desacordo. Ou seria discordância? Nesse momento se abriam outros caminhos e assim, os textos-pessoas se encontravam e se reescreviam.

Voltando a leitura do texto-livro e sobre o que o autor queria dizer, digo isso porque ele mesmo o disse em nosso encontro: que a capacidade de escritura se dava pela sintaxe, que a escritura vem antes da letra e pasme, antes da palavra. O humano pode ainda não falar e já produz escrita. Em um momento da sua história passa a fazer com palavras o que fazia com as mãos e começa a escrever com a voz. Inventava como a criança. E o que fazemos na escola? Nos detemos nas regras, na gramática, na ortografia. Uma língua sem contextos, de interpretantes desprezados. Pontue a frase: o livro está sobre a mesa. Deixamos de lado a relação que se estabelece entre os textos que vieram antes. Textos de dentro e principalmente de fora da escola. Reduzimos a amplitude do espaço comunicativo.

Nesse ponto da conversa é preciso olhar para a escola. Porém no lugar das crianças em suas carteiras enfileiradas encontramos rostos em uma tela de computador ou celular. A escola não está lugar onde costumava estar. O prédio fechado por decreto abre outro lugar e a escola se espalha pelas casas das crianças e suas professoras. De início estranhamos falar olhando a câmera e aos poucos vamos ficando à vontade. A mãe que arruma a casa responde quando a professora pergunta à criança sobre o livro. E o pai que entra na sala da casa cumprimenta olhando a tela do computador. Será possível ensinar dessa forma? Será possível ensinar? No prédio da escola ficaram os lápis e os cadernos, os quadros ainda escritos, os livros sobre as mesas.

Agora nas telas, crianças e adultos de diferentes lugares buscando outros com quem conversar mostram seus animais de estimação, a vista da sua janela, o seu cantinho preferido e a visita que chega desavisada ouve a história contada por Augusto sobre o livro que servia de desculpa para um reencontro e uma reconciliação. E se tudo isso fosse a escola? E se a escola (e a universidade) pudesse ser tudo isso? Um lugar de escritura de muitas (e porque não de todas) pessoas-textos. Textos escritos, pintados, dançados, *teatrados*, cantados. Nas palavras de Augusto, traduzidas por Marisol, uma educação para o plurilinguismo.

Tudo isto indica a importância que assumem, na relação escolar, a intertextualidade, a reciprocidade de tradução entre as linguagens, o objetivo da plurilinguisticidade. A possibilidade de dar conta dos significados das palavras, de realizar, sempre, um maior domínio linguístico, é conectado com a ampliação do espaço linguístico. O plurilinguismo deve ser uma prática do professor, para que seja resultado de uma educação linguística. (PONZIO, p.54, 2020)

A partir dessa conversa é que reescrevo meu projeto-texto e me reescrevo junto com outras pessoas-textos na experiência de uma outra escola onde a responsabilidade com a compreensão ativa e a com capacidade de dar respostas sejam os condutores do trabalho com as crianças. Onde não haja lugar para perguntas convencionais, mas para o ouvir e falar e para a relação entre as diferentes linguagens e desta forma, para o pensar sobre a linguagem.

Mais tarde, depois de muita conversa e algumas leituras eu fui me deixando ouvir as crianças e me permitindo falar com elas. Ouvir as suas histórias e lhes contar outras. Contar histórias de verdade com todas as letras e não as falsas histórias para ensinar a ler e escrever. Uma vez elas me levaram pela escola perguntando o que estava escrito em cada placa e depois quiseram fazer cartazes, listas, cartas. Enquanto elas aprendiam a ler os textos eu aprendia a ler as próprias crianças. Como nas palavras de Ponzio:

Há, portanto, um texto cuja “leitura” é uma operação preliminar a respeito de qualquer prática escolar, e esse texto é a própria criança. Se trata de um texto “aberto”, no sentido de que está em formação e que vai se definindo no próprio processo de sua “leitura”.(PONZIO, p.70, 2020)

Sobre os textos, mais que tudo elas adoravam os quadrinhos! Algumas crianças queriam ler as palavras escritas nos balões e outras liam a história a partir das imagens. E ainda quando desenhavam, faziam balões para os personagens e desenhavam dentro deles. Também escreviam “histórias só de palavras”, pediam para “contar lá na frente” e escolhiam palavras ouvidas em outras histórias pronunciadas com cuidado e entonação

próprias enquanto seguravam o caderno ou o livro mostrando para os colegas.

Então volto à pergunta do projeto: o que é a escrita de uma criança? E depois de muita conversa arrisco uma resposta. A escrita é uma das linguagens possíveis de serem usadas para narrar uma experiência com tudo que ela comporta e arrisco ainda dizer que quando criança temos a liberdade de usar do jogo do fantasiar, aquele que permite, imaginar outros modos de ser e de dizer ainda não aprisionados nas formas convencionais de linguagem.

O desafio, agora que essa conversa termina, é o de reencontrar as crianças e nessa escola espalhada por muitas casas e quintais, assumindo o ensino e a aprendizagem da língua escrita como uma relação intertextual, ampliar o espaço comunicativo e desta forma ampliar as relações entre as linguagens e a capacidade de interpretação e ação sobre a realidade. O desafio de reescrever um projeto ao mesmo tempo que me reescrevo nas conversas. Porque um projeto de pesquisa é um texto que traz uma pessoa em forma de escrita e nesse texto colocamos a pergunta que nos move. Pessoas são textos que se escrevem nos corpos, gestos e falas. E os textos são também pessoas que se escrevem em palavras.

PAUSA PARA UMA DANÇA

Denise Lima

Amanhããããã vai ser outro diaaaaaa
Amanhããããã vai ser outro diaaaaaa
Amanhããããã vai ser outro diaaaaaa

Essa música é boa! Contagia!

Sim! É um samba de Chico Buarque, Ponzio!

Samba! Samba! E como se dança?

Podemos dançar juntos. O senhor quer tentar? É assim: dois pra lá, dois pra cá...



Ecco!

O senhor está indo bem!

Grazie! Fale-me um pouco do samba! Gostei do ritmo!!

Claro! Vou contar ao senhor um pouco sobre essa música, esse ritmo, essa dança. O samba tem sua origem nas rodas de danças trazidas, aqui para o Brasil, pelos povos do continente africano, na época, escravizados. Era uma manifestação festiva de dança em roda e música praticadas por esses povos quando estavam de folga. Dançavam, principalmente, a umbigada – era uma dança onde batiam umbigo com umbigo, assim ó (*batemos umbigo com umbigo*) – e a punga, ao som de suas palavras, suas palmas e alguns instrumentos.

Ecco! Umbigo com umbigo! (*outra batidinha de umbigos*) Então, o termo samba representa pular de alegria, é sobre estar animado?

Isso mesmo! Ao longo do tempo ele foi se embrenhando pelo Brasil afora e sofrendo várias transformações. É um gênero artístico musical marcado pela diversidade cultural do nosso país, com influências europeias e africanas. Mas, até as duas primeiras décadas do século XX, aqueles que ousassem praticá-lo pelas ruas eram duramente perseguidos e até presos.

Mas como? Impediam o povo de exercer sua arte?

Pois é, professor... Naquela época, o samba era praticado, majoritariamente, por afro-brasileiros descendentes do povo escravizado e, por isso marginalizados pela sociedade.

Mas, o povo não silenciou e o samba foi se constituindo, cada vez mais polifônico! As letras de alguns sambas eram irônicas e em protesto contra o status quo da elite burguesa. Os corpos também falavam e revelavam a força do *grotesco*⁴⁸. Aqui no Rio, por exemplo, se misturou a outros gêneros artísticos como a polca, o maxixe, o lundu e o xote. Em Pernambuco se aliou ao maracatu e em São Paulo e Minas, ao jongo. Ah! E seu conjunto instrumental não é fixo, vou citar alguns que para o senhor ter uma ideia: tem violas, pandeiros, prato, faca, garrafas, cuíca e até pedaços de madeira.

⁴⁸ O termo *grotesco*, nesse contexto, refere-se aos estudos de Bakhtin em seu livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento (O contexto de François Rabelais)*. Bakhtin se debruça sobre a obra de Rabelais e encontra as forças libertárias do corpo grotesco (o riso, a festa, o vocabulário, o banquete, o baixo corporal) na cultura popular.

Quanta diversidade!!!

Muita!!! Essa parte da dança, sofreu muitas influências europeias também. Tem alguns tipos de samba cujo modo de dançar é esse que estou fazendo agora com o senhor.

Ah! Sim. Sim. Tem uns traços de valsa! Isso! Mas, os corpos ficam colados e temos que requebrar!

Ô! Meravilhia! Voz, corpo e música como enunciado! Discurso popular que se afirma como discurso potente na cultura. Samba é linguagem, menina! Samba é praça pública!

Concordo plenamente, professor!! Eu adoro!! Escuta só...



"Linguagem é aquilo que se faz com o corpo, com os sinais e não só com a palavra falada, escrita"⁴⁹.

Sim! O mundo da linguagem é *uma cadeia discursiva de enunciados. Estamos nessa cadeia enquanto corpo, enquanto um ser humano que altera essa rede.*

"A linguagem é aberta", ragazza! "É horizontal, é centrífuga".

(Augusto Ponzio falava enquanto tentava acompanhar o ritmo no compasso do "dois pra lá, dois pra cá").

⁴⁹ Todas as falas de Augusto Ponzio que estão entre aspas foram retiradas do seu discurso no lançamento de seu livro *Livre Mente*, no Brasil, em uma conferência organizada pelo GELPEA – Grupo de Estudos de Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia, transmitida em 31/03/2021.

E como é!!! Veja esse exemplo da música: uma mistura de ritmos e estilos que a gente não faz ideia. O senhor sabe que vi na internet essa música do Chico Buarque só com formação instrumental? Violoncelo, violão, bateria e percussão. Foi criação do violoncelista Jaques Morelenbaum. Ele misturou a música popular com a música clássica e as duas conversaram divinamente bem. Depois eu mostro pro senhor⁵⁰.

Isso me fez lembrar da escola e do que digo sobre educação para a linguagem. "Educar para a linguagem significa ver de muitas faces diferentes e ver muitas possibilidades de mundo".

Opa! Desculpa! Pisei no seu pé! Me distraí com a conversa. Rsr

Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar

Olha a paradinha! Vamos sambar separados, agora! Requebra o corpo!

Opa!!! Meraviglia!!!

Essa música diz muita coisa pra nós, brasileiros! (Eu falava enquanto sambava)

Você disse que é do Chico Buarque, né? E o que ele está dizendo?

Pois é, vou contar bem rápido a história dessa música para o senhor conhecer o contexto da escritura do Chico. *Apesar de você* foi lançada em 1970 – durante

⁵⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=DgJyX1n0Rp8>. Link para acessar o vídeo com a música.

o governo do general Emílio Garrastazu Médici. Eram tempos de ditadura militar aqui no Brasil. Quem não rezasse na cartilha do governo, dançava (O senhor entendeu de que dança estou falando, né? Muito diferente dessa nossa aqui).

Sim! Conheço bem a história do fascismo italiano.

É verdade. O fascismo italiano foi um grande modelo para os ditadores brasileiros. Então, naquela época, Chico Buarque era um artista muito censurado pelo governo militar. Como bom artista que era (e ainda é) ele não se encaixava (e ainda não se encaixa) no rol de artistas que se eximem da sua responsabilidade na arte e na vida, como Bakhtin colocou muito bem em seu texto *Arte e Responsabilidade*. Ao contrário disso, “ele cria respondendo com a vida e vive contando com a arte”⁵¹. O samba fazia uma óbvia referência ao presidente, com muita maestria e poesia. Ele tentou inventar uma história para mascarar suas reais intenções, afirmando que se tratava apenas de uma briga de marido e mulher. A música chegou a ser gravada, mas tocou nas rádios por um curto tempo. Como era de se esperar, Chico foi advertido.

Ecco! E o que ele escreveu?

Ele é bem direto logo na primeira parte. Deixa eu ver se me lembro da letra:

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado

⁵¹ Bakhtin, 2017, p. XXXIV.

Esqueceu-se de inventar
O perdão
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar

Isso é belíssimoooo! "O escritor é esse que pega o magma esfriado do vulcão e explode. Ecco porque Babel. Porque o homem é dotado de escritura. Quando a língua se torna gramática prescritiva, congela o magma do vulcão. Mas tem a escritura literária que dá calor àquilo que se tornou frio. São os gêneros literários, a escritura literária. Barthes faz uma distinção entre escrevente (aquele que transcreve) e escritor (aquele que reinventa)".

"A língua é o general que está sempre em guerra contra a enunciação, contra o bárbaro. A língua é centrípeta. A língua é para a identidade, para o conceito, para o sistema, para a afirmação, para possuir a coisa, para entender, finalizar".

Vamos voltar a falar da educação. "Educação é deslocamento, é sair do lugar. Façamos isso com a linguagem e não com a língua. Educar para entender que o mundo pode ser diferente. É preciso educar para a linguagem e não para a língua. Educar para a linguagem significa educar para muitas línguas. Significa dialogismo, plurilinguismo, possibilidade de expressar em linguagens diversas".

Muito bom o seu discurso, professor Ponzio!! Como o senhor diz: belíssimoooo!!! A língua, classifica, oprime, constrange. É fascista, como diz

Barthes⁵². Mas sempre há uma contrapalavra libertadora, e ela vem da linguagem. Acredito em uma educação para a linguagem que se pretende dialógica e alteritária. Compreendendo a relação alteritária como algo que nos provoca, nos desloca, nos desestabiliza e nos transforma. Compreendo a relação dialógica como uma relação que dá margem à compreensão respondente, com uma rede aberta de signos e muitos sentidos. Uma cadeia discursiva de enunciados que acontecem em um ou mais gêneros. No final da música ele diz assim:

Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai se dar mal
Etc. e tal

Não tem como banir concepções de linguagem libertária, não é mesmo professor? Apesar da ditadura ter matado muita gente e exilado tantas outras, a palavra libertária (mesmo que dita “de lado”, como disse o Chico no início da música) nunca deixou de existir.

Defender uma educação para a escritura, para a linguagem é colocar em disputa “o sempre maior incremento e expansão da escritura, das linguagens, do “livre jogo de fantasiar”, e o sempre maior controle da comunicação”⁵³ - que é também a sempre maior concentração de tal

⁵² Barthes, 2004.

⁵³ PONZIO, 2020, p. 49.

controle na mão de poucos. Nessa arena de forças contraditórias, precisamos pensar e explorar formas de enfrentamento dessa lógica que parece hegemônica.

Bravíssimo!!! “Eis porque Babel”, como o senhor bem colocou ainda há pouco. Aliás, que Apólogo!! Cada palavra de Viva Babel⁵⁴ teve um sentido provocador nas discussões com o grupo da disciplina eletiva que acabamos de concluir. Que belo desfecho, Deus deu para a torre que só crescia verticalmente para sustentar o humano monolíngue, limitado em seus fazeres e dizeres em uma única e restrita língua.

“Ele então tentou impedi-los. E para fazer isso, decidiu descer à terra e confundir a linguagem dos homens. De modo que, em vez de apenas uma língua, houvesse muitas línguas e, dentro de cada língua, muitas linguagens diferentes (diferentes para gerações, profissões, classes sociais, situações comunicativas, etc.)”⁵⁵.

Isso mesmo!!! Atualmente, não temos Deus pra trazer a felicidade do plurilinguismo para nós. O que talvez possamos fazer, é expandir nosso horizonte, nossa visão de mundo, a relação entre linguagem, cultura e pensamento. Paulo Freire diz que *o exercício constante de uma leitura de mundo, que exige a compreensão crítica da realidade, supõe, por um lado, sua denúncia e, por outro, o anúncio do que ainda não existe. É na linguagem, com múltiplas linguagens, que enriquecemos nossas experiências e damos significados e sentidos diversos às coisas do mundo, transformando-o.*

“Sobre essa questão, podemos ser otimistas; como o foi Giacomo Leopardi que, em uma hipótese semelhante, muitas vezes almejada na história do pensamento, já havia refletido no Zibaldone: (...) Mas pode-se esperar que, pelos homens serem já, geralmente, súditos doentes, impotentes, inertes, desanimados, lânguidos e miseráveis da razão, no entanto, eles nunca se

⁵⁴ Viva Babel é um apólogo escrito por Augusto Ponzio, que se encontra em seu livro Livre Mente, na página 174.

⁵⁵ Ibid, p. 177.

tornarão escravos moribundos e algemados da simetria. E quanto a essa parte de uma linguagem qualquer estritamente universal, não se pode esperar muito, mas com firmeza e segurança prever que o mundo nunca será geometrizado (Zibaldone, pp 3253-3254 (do autógrafo), 23 de agosto de 1823)⁵⁶.

O que dizer depois disso, professor? Vou te responder com esse finalzinho da música. Requebra o corpo! E viva a linguagem como possibilidade do jogo infinito de construção – e desconstrução – de novos mundos possíveis! (Ponzio, 2020, p.50).



<https://www.youtube.com/watch?v=NUpEQeAqWf0>
(música completa na voz de Beth Carvalho)

⁵⁶ PONZIO, 2020, p. 179

LIVREMENTELIVRE (meta)memórias em diálogo

Alan Silus

O início

Esta escritura teve por objetivo constituir o produto-final da disciplina **Tópicos Especiais em Linguagem, Cultura e Processos Formativos I: Processos Cognitivos e Educação para a Linguagem**, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a responsabilidade da Profa Dra. Marisol Barenco de Mello.

Com o fim da disciplina, a docente apresentou-nos uma proposta de avaliação: tentar responder ao Apólogo (Viva Babel) contido na leitura básica que estudamos durante os meses de fevereiro a maio na UFF. Penso que a resposta partirá por meio das reflexões e (meta)memórias construídas em meu home-office e em meu “out-office” nestes dias em que o sentimento de aglomerar, nunca foi tão desejado por todos.

Sobre essas (meta)memórias, advogo que em muitos dos momentos relatados aqui, podem passar sem uma grande riqueza de detalhes ou ter um caráter bastante descritivo, afinal, “nossa memória é seletiva e reconstrói a história do mundo e a nossa própria a partir do projeto⁵⁷” que traçamos para relatar algo.

1. Livre

Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem

*

Se no tranco do vento a lesma trem,
no que sou de parede a mesma prega;
se no fundo da concha a lesma freme,
aos refolhos da carne ela se agrega;

⁵⁷ MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2004, p. 23.

se nas abas da noite a lesma treva,
no que em mim jaz de escuro ela se trava;
se no meio da náusea a lesma gosma,
no que sofro de musgo a cuja lasma;
se no vinco da folha a lesma espuma,
nas calçadas do poema a vaca empluma!
(Manoel de Barros⁵⁸)



Em dezembro de 2020 acontece meu primeiro encontro oficial com Marisol Barenco de Mello, Professora-Doutora (e fada) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), leitora-tradutora de Mikhail Bakhtin, uma distinta aluna de Augusto Ponzio. O nome dela circulava entre as minhas redes desde o ano de 2018 quando pessoas próximas me informavam de que deveríamos ser apresentados ou “nos apresentar”, já que nosso interesse pelo Círculo poderia gerar boas parcerias.

Esse encontro presencial AINDA não aconteceu. O contato em 2020 ocorreu, via Facebook, por interesse de um livro do Grupo de Estudos Bakhtinianos ATOS-UFF, no qual ela coordena, conforme apresento nossa longa conversa (que estreitou nossos laços):

22 de Jan de 2021

Você enviou

Oi Professora, tudo bem por ai? No site da Pedro & João, não consta o Caderno de vocês para venda. Sabe me dizer se a Editora vai vendê-los? Abraços.

⁵⁸ BARROS, Manoel. **Livro de Pré-Coisas**: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. In: Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.

Marisol enviou

Oi Alan

Vai sim

Deixa eu ver pq ainda naota lá

Você enviou

Ok. Estava pedindo outros livros e não encontro o seu. Vou aguardar então.

Aproveitando “a deixa” da minha empolgação na compra de obras na Editora Pedro & João, ela anunciou que seu livro (**Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem**) estava também disponível para venda:

22 de Jan de 2021

Marisol enviou



Veja o do Augusto, o novo

Que traduzimos

Está muito bom!

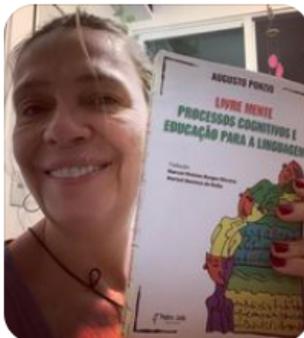
Você enviou

Ahh vou olhar. Quero também.

Marisol enviou

Livre Mente

Marisol enviou



Aproveitei o merchandising do livro e quis saber se o ATOS-UFF teria em 2021 alguma atividade de estudos. Sempre muito curioso pela palavra do outro e pelas partilhas que o(s) outro(s) nos tem a oferecer, resolvi “me convidar” para alguma atividade do grupo:

22 de Jan de 2021

Você enviou

O grupo de vocês terá reuniões on-line nesse período?

Você enviou 22 de janeiro

Ahh pedi esse também (em referência a imagem do Livre Mente)

Marisol enviou

Sim

Vamos fazer uma disciplina para ler este livro

Terça de 14-17

Você enviou

Se puder, quero assistir as discussões de vocês um dia.

Marisol

Está bem

Você enviou

Ahh que bacana (em resposta a notícia da disciplina criada para estudar o livro)

Me avise, se eu puder assistir seja como ouvinte ou visitante eu vou gostar muito

Marisol enviou

Sim pode

A gente só pede o compromisso de ir a todos os encontros

Se vc quiser me fale

Começa na semana de 9/2

Você enviou

Claro Profe. Particparei sim.

Qual horário?

Marisol enviou
Terça de 14-17
Você
Ótimo. Tenho as tardes livres para estudos

Feitas as tratativas de participação no curso/ disciplina, resolvi retomar o contato para lembrá-la da minha participação:

5 de Fev de 2021

Você enviou
Oi Marisol, chegaram os livros. Na terça, começam os estudos do Livre Mente, certo?

Marisol enviou

Sim

Vc quer participar?

Você enviou

Sim.

Marisol enviou 5

Te mando o link

Do zoom

Você enviou

Ok

Marisol enviou

Meu whatsapp é ****3952**

Você enviou

Vou te dar um oi lá

No começo deste item, trouxe o “Poema da Lesma”, um ser tão insignificante para muitos, mas que aos olhos do menino-poeta, transformou-se na grande geradora das (minhas) incursões poéticas. Me coloco no lugar da lesma de Manoel: tremendo, pregando, fremendo, trevando, travando, gosmando, lasmando, espumando... me encontro no mundo no aguardo de um “emplumamento”.

Dado o aceite de Marisol, iniciei os estudos com três questões para ser **arejadas** ao longo daqueles estudos: 1. a vontade de conhecer melhor os textos

do Professor Augusto; 2. a empolgação por participar de um estudo remoto fora de minhas redes (locais) e; 3. com o medo de não corresponder aos anseios do grupo.

2. Mente

O propósito da disciplina, como foi alertado por Marisol, era estudar o livro, dentro do período estipulado pelo PPGE-UFF e não importando a ela se o terminaríamos ou não. Ficou muito claro que os estudos do “Livre Mente” seriam para que compreendêssemos melhor as questões levantadas na obra do Professor Augusto e, desde o começo, esse aprofundamento em cada um dos pontos tratados ficou muito claro para mim a partir das leituras e das reflexões feitas nas tardes de terça-feira em nossa sala on-line do Zoom.

Ao longo dos estudos, me vi em um grande grupo, em uma grande torre, com actantes monolíngues, no anseio de conhecer a verticalidade filosófica da linguagem. Queríamos todos ascender ao plano mais alto do conhecimento linguístico, por isso estávamos ali, TODOS, construindo nossa Babel.



Babel me remete a um projeto desenvolvido por Tetê Espíndola e Philippe Kadosch em 2001 e em 2007: o primeiro constitui o CD **VozVoixVoice**, considerado como um dos trabalhos mais ousados de Tetê devido às performances dadas à sua voz. Em quase todas as canções há invólucros vocais de Tetê com arranjos sonoros da produção de Kadosch. Além do experimentalismo do trabalho em não ter um discurso linguístico em parte das canções, em algumas faixas, há a presença de letras (em Língua Portuguesa) escritas pelos dois em parceria com Arnaldo Black⁵⁹.

No segundo, Philippe Kadosch convida Tetê mais uma vez para participar de um projeto que realizara. Este, que passara a estudar as línguas primitivas e não mais faladas no mundo, desenvolve junto a ela o CD **Babeleyes: Musique des Langues Vierges** no qual Tetê interpreta 10 músicas em línguas que Kadosch considera como virgens⁶⁰.

Durante os momentos de leitura do apólogo, enquanto ouvia os dois CDs, me fiz alguns questionamentos sobre a importância que a história da (Torre de) Babel teve ao Mundo: o aparecimento de várias línguas, fez com que pudéssemos (re)desenhar as linguagens e culturas presentes no planeta. A multiplicidade de línguas proporcionou ao homem ver para muito além desta Babel vertical em que ele fazia parte.

A (não-)confusão das línguas colocou o homem diante da sua horizontalidade. O fez enxergar que a vida não é infinita, que ela não é uma ação dada (por Deus ou por qualquer um que seja), mas é uma ação cotidiana, construída nos problemas e nas efemeridades que nos fazem “estar” neste mundo.

Enquanto escrevia sobre isso, rememorei uma passagem escrita por Magda Soares⁶¹ em que ela diz: “não procuro conhecer o meu passado, procuro pensar o meu passado; não busco o que vivi, busco perceber o que estava pensando, quando vivi”. Penso que Babel seja isso. Mostrou ao homem que buscar o caminho que todos caminham nem sempre pode nos levar ao

⁵⁹ Do Lírio Selvagem ao Piraretã: memória e dialogismo na paisagem sonora de Tetê Espíndola. 2020. 238f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande – UEMS/ UUCG, 2020.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Educação. Série Memória da Educação), p. 45.

destino desejado e, que, mudar as rotas, podem nos ocasionar novas experiências e novas memórias.

Assim que terminei a escrita destas linhas, lembrei-me de que os nossos “Tribalistas” dizem que “fora da memória tem uma recompensa”. Como esquecer?



Meu Intermezzo (Abusado Eu!)

1. Dani foi uma das colegas que participou conosco dos estudos do “Livre Mente”. Enquanto estudava conosco, dividia-se entre as leituras e as emoções de ganhar dois filhos que aguardavam ansiosamente pelo processo de adoção. Esse momento foi vivido e comemorado por todos do grupo, aos que conheciam a Dani por mais tempo, sabiam do desejo dela de ser mãe e do desejo das crianças em serem filhos. Pensei em escrever um poema, mas acabei esquecendo o tom para iniciar. Me veio na cabeça uma canção, acho que ela vai viver em breve um pouco do que a letra diz:



2. Marisol com certeza é uma pessoa incrível. De uma sensibilidade ímpar, parece saber decifrar cada um daqueles que passa por seu caminho. Nunca tive um professor da forma como ela se apresenta para tal. As pessoas muitas vezes atribuem meus momentos de elogio como um “puxão de saco”, mas quem me conhece sabe: não faço isso, apenas tenho gratidão por aqueles que mudam minha forma de ver/ ouvir o mundo. Sol teve essa função em minha vida pessoal e acadêmica. Por muitas vezes foi dura em suas palavras, porém, uma dureza assertiva naquilo que precisava ouvir. Sua “plurilinguagem” sobre nós, muitas vezes é muito mais do que de uma professora, ou amiga: é de mãe! Lembreide mais uma música, que me remete aos meus bate-papos com ela:



Um pê-esse (de uma conversa aleatória
nossa):



Certo dia Marisol abriu “seu baú de metamemórias” dizendo-me que Tetê Espíndola (minha amiga) faz parte de suas memórias. A canção Escrito nas Estrelas composta por Arnaldo Black e Carlos Rennó – ganhadora do “Festival dos Festivais de 1985 – marcou sua trajetória. Para brindar esse momento, escolhi um audiovisual em que ela e o filho apresentam a canção em um show realizado no Centro de Artes da UFF em 11/11/2014.

3. Entrei para o Grupo ATOS. Quanta responsabilidade! Estou um tanto quanto insatisfeito com os demais grupos que participo. Muitas vezes não há estudos, não há engajamento, não há muitas vezes razões para nada. Bakhtin escreveu que “a razão teórica em sua totalidade não é senão um momento da razão prática⁶²” e, acredito ter encontrado isso no ATOS. Logo na minha primeira reunião de ingresso, Marisol apresentou um tratado para permanecer no Grupo que por muitas vezes, eu segurava as lágrimas. Uma fala pontual, que me fez pensar na vida, na minha profissão e na minha ação sobre o mundo. Como em uma oração, reafirmei a minha vontade e

⁶² BAKHTIN, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. Trad. Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. (p. 59).

engajamento para estudar Bakhtin. Ao Grupo, uma vida longa e um poema-música de Mário Quintana:



A Babel Feliz de Augusto Ponzio me mostrou que a noção de castigo divino nem sempre pode ser um castigo. Depende do ponto de quem vê. Na questão babélica (se é que existe essa palavra), ele nos diz que “o plurilinguismo é uma dádiva⁶³”. Do momento monolíngue ao plurilíngue os homens perceberam que suas realidades eram mais ricas e complexas em qualquer situação.

Talvez eu nunca consiga explicar (como o Professor Augusto Ponzio) sobre a diferença entre mono, pluri, bi, tri, penta ou o que for prefixo de “linguismo”. Talvez a congregação de tantas línguas em um único mundo possa ter impactado nas relações de como seus usuários agem sobre ele. Não sei. Ou finjo que não sei. Para mim, a questão de Babel foi para muito além de questões puramente linguísticas. Em Babel nos libertamos (parcialmente) do monolinguismo, dos arreios que nos colocavam em direção a um único sentido (o do abismo, talvez), da visão de que devemos ser os melhores sempre, da vontade de subir os mais altos degraus.

Fico imaginando se o “projeto” de Babel fosse concluído com êxito. Imagino que se esses homens ao chegar ao céu descobrissem que o céu é muito mais alto que se pensa. Quantas frustrações! Quantos se despencariam lá de cima ao chão igual frutas maduras? Babel nos libertou há milhares de anos das várias condições que citei acima, porém, tivemos a deselegância de nos amarrarmos a uma nova Babel: a da desumanidade.

⁶³ PONZIO, Augusto. **Livre Mente**: processos cognitivos e educação para a linguagem. Trad. Marisol Barenco de Mello e Marcus Vinícius Borges Oliveira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. (p. 173).

Não caminhamos para o fim da humanidade, mas caminhamos para o nosso fim. Mesmo que vivendo na horizontalidade do pós-Babel, ainda precisamos aprender a ser humanos, a conhecer de verdade o nosso papel na vida do outro. A existência das múltiplas línguas é o eterno exemplo que esquecemos de enxergar: assim como elas, não somos estáticos, imutáveis e nem eternos, mas como o Professor Augusto conclui sua obra: “o infuncional é o humano⁶⁴”.

3. Livre

Meu interesse por memoriais é uma das grandes influências na escrita desse texto. Lendo o trabalho de progressão de Marisol – transformado em livro, quero concordar-ampliando com o que ela diz: estes dois últimos anos, foram anos “ao quadrado. Pela temporalidade do confinamento que, se condensando, multiplicou tudo, e pela espacialidade do enquadramento das janelas”⁶⁵.

Entre tantas Lives, Meetings, Hangouts e outros nomes atribuídos ao nosso exaustivo trabalho docente, posso avaliar que esta disciplina, ou melhor, o estudo da obra de Ponzio foi uma pausa entre tantas ideias que não se concluíam. Os capítulos nos fazem pensar muito sobre o nosso papel com a linguagem e com a função docente.

O título dessa escritura (Livre+Mente+Livre) constituído num jogo de palavras, assim como o livro (Livre Mente) é uma forma de externar o momento que finda este processo: Livremente (enquanto advérbio) ou Livre Mente (expressão) me dão a ideia de espontaneidade. Pensar as línguas e a ligação com a leitura da obra é isso, um ato espontâneo que por sua vez provoca em nós novas ações responsivas.

Preocupado em saber se atendi aos critérios propostos para este texto, encerro minha fala com Bakhtin (mais uma vez), quando este diz que “não sou eu que olho o mundo de dentro com os meus próprios olhos, mas sou eu que olho a mim mesmo com os olhos do mundo, com olhos alheios; eu sou possuído por um outro. [...] Eu não tenho um ponto de vista sobre mim

⁶⁴ Idem (p. 276).

⁶⁵ MELLO, Marisol Barenco de. **Barcos ao Mar**: “recordo porque me acontecês”. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. (p. 38).

mesmo de fora, não tenho uma aproximação da minha própria imagem interior. Dos meus olhos olham os olhos alheios⁶⁶”.

Portanto, ao encerrar essas (meta)memórias afirmo que a leitura da obra de Augusto (Ponzio) foi um elemento transformador em minha vida. “Livre Mente” permitiu-me pensar sob novas formas e, pude conhecer outras leituras que dialogam com a temática da obra. Além disso, me encontro com pessoas que foram construindo uma nova escritura aos meus dias, pessoas que hoje considero fundamentais à minha história.

Acabou chorarei? Não sei!



⁶⁶ BAKHTIN, Mikhail. **O Homem ao Espelho**: apontamentos dos anos 1940. Trad. Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. (p. 51).

PENTECOSTES FELIZ

Natália Abreu

Com o auxílio da graça, Pentecostes já estava a postos para começar a atuar. A diversidade das línguas seria ouvida por todos em uníssono, em uma só língua, quando, de repente, ele se sentiu provocado a parar para escutar uma conversa.

1. E, cumprindo-se a determinação do Programa de Pós-Graduação em Educação, estavam todos concordemente no mesmo lugar.

Não assim, no mesmo lugar físico, mas na mesma sala virtual. Um espaço que, mesmo longe, une, por possibilitar o encontro de estudantes de diferentes campos entre si, entre textos, entre mentes, com o Augusto Ponzio.

Estavam ali: todos de acordo em participar daquele encontro. Havia uma *única coisa constante para eles*, a princípio: a tela.

2. E de repente veio da tela um som, como um canto que enche os ouvidos e abre os olhos, e encheu as casas em lugares diferentes espalhados pelo país.

Era a voz de uma mulher, que, no entanto, parecia vir acompanhada de pelo menos mais dois homens, e dava início a uma jornada de ensino de leitura de linguagens.

3. E foi ouvida por eles em um movimento dialógico, de criação de sentidos a partir de múltiplas linguagens, as quais se revelaram gradualmente a cada um, semana a semana, a cada capítulo lido e conversa realizada.

4. E todos foram cheios de interesse pelo texto, já que *no ensino da leitura do texto a tarefa principal é ensinar a criar expectativas*⁶⁷, e começaram a falar noutros termos, conforme suas distrações os concedia que falassem.

⁶⁷ PONZIO, 2020, p. 100

5. E na universidade, via Zoom, estavam habitando linguistas, filósofos, de todas as nações que estão em frente a um livro.

6. E, quando aquele bendito som ocorreu a todos, a multidão que estava ajuntada - mas não aglomerada -, ficou então confusa. Todos ouviam, mas não compreendiam.

7. E todos pasmavam e, ao mesmo tempo, se maravilhavam, pensando consigo mesmos - e fazendo comentários no privado - "o que eu perdi?".

8. Como, pois, nós ouvimos, palavra por palavra, mas ainda não compreendemos? Não é uma professora, como nós, que está falando?

9. Professores e professoras,

10. Linguistas e filósofos,

11. Tanto fotógrafos quanto poetas, todos nós temos ouvido falar da grandeza das linguagens.

12. E todos se maravilhavam e estavam surpresos, pois nunca tinham ouvido sobre a linguagem daquela maneira, e perguntavam uns para os outros: como podemos compreender isso melhor?

13. E outros, não compreendendo, preferiram traçar outros caminhos, abandonando esse barco e buscando por outros.

14. Marisol, porém, com visão de águia, pôs-se lado a lado e disse: escutem o que o Augusto está falando. Um signo porta a memória da humanidade. Não somos apenas o que vivemos, pois pela linguagem acessamos o grande tempo das relações⁶⁸.

⁶⁸ Anotações da Aula

15. Não falamos apenas uma língua, a portuguesa, como pensam. E, ainda assim, uma só língua abriga múltiplas linguagens.

16. Mas isto - e mais outras tantas coisas - nos ensina o Professor Augusto:

17. Não é possível dominar a língua, a língua nunca é minha⁶⁹.

Ainda bem, nossa língua não é a língua dos portugueses. No Brasil, falamos muito mais línguas do que o português: somos multiculturais.

18. E nos últimos dias não saberemos o que acontecerá. Mas, nos próximos, nos deleitaremos na escuta de outras coisas que não sabemos. E então só teremos uns aos outros;

19. E os nossos filhos e filhas herdarão a poesia;

20. E os nossos jovens perceberão, então, que *a realidade era muito mais rica e complexa do que como aquela única língua a apresentava*⁷⁰- e é;

21. E os nossos velhos cantarão e dançarão.

22. E saberemos que o homem é homem porque faz escritura:

23. Com poucas peças constrói muitos mundos, diversos, diferente da mosca.

24. E o encontro efetivo entre diferentes línguas e linguagens será banhado de vinhos e gargalhadas, em resposta ao monolinguismo, já que *os homens monolíngues eram muito sérios, eles nunca riam*⁷¹.

25. Possibilitará a experimentação da irreduzível alteridade⁷².

⁶⁹ Anotação de fala do professor Augusto Ponzio para o grupo da disciplina.

⁷⁰ PONZIO, 2020, p. 175.

⁷¹ PONZIO, 2020, p. 176.

⁷² PONZIO, 2020, p. 173.

26. Por isso se alegrou o nosso coração, e a nossa língua exultou: que seja vivo e visto o plurilinguismo. E ainda a nossa carne há de se levantar e lutar por isso.

27. Pois não se conformará com a tentativa de silenciar nenhuma voz;

28. Nem poderá *aceitar sossegado qualquer sacanagem ser coisa normal*⁷³, pois nos fez conhecidos caminhos de alteridade;

29. Companheiros, seja-me lícito dizer que as palavras não morrem e são sepultadas, mas estão entre de nós, com sabores que perdemos, e podem ser reencontradas e ressignificadas;

30. Nesse encontro, a linguagem não será apenas ferramenta de comunicação, mas será criação.

31. Criação de um mundo que ainda não se viu

32. Por cegueira ou esquecimento;

33. De sorte que, pela cultura, agora todos nós somos testemunhas.

34. E não olharemos mais para as linguagens abstratamente, apartada do humano concreto.

35. E perceberemos que todo preconceito linguístico é preconceito social para com o grupo que pratica aquela linguagem⁷⁴.

36. E não nos calaremos diante disso.

37. E de certo, muitos de nós cairíamos na armadilha de pensar: como resolveremos isso?

⁷³ Trecho da música *Bola de Meia, Bola de Gude*, de Milton Nascimento.

⁷⁴ Anotações de aula.

38. E perceberíamos que não buscamos uma linguística do "quero ouvir"

39. Mas da escuta generosa, porque a luta não diz respeito somente a nós, mas dos que estão perto, dos que estão longe, dos que conhecemos e dos que nunca viremos a conhecer;

40. E com muitas outras palavras isso testifica e nos provoca: estamos falando de um plurilinguismo de diferentes linguagens em relação.

41. E que se constituem mutuamente, mesmo naquele dia em que se agregaram cerca de 20 professores atentos. Eu-para-mim, eu-para-o-outro, o-outro-para-mim.

42. E perseveravam nos estudos da filosofia da linguagem, e da educação, e nos cafezinhos e na troca de experiências

43. E até mesmo o texto escrito pelas mãos de alguém não era só dele, mas de todos.

44. E todos que criavam estavam juntos, embora não tivessem nada em comum. E repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. Na palavra podemos relembrar o que foi esquecido, conversamos com a memória da humanidade.

45. E, perseverando discordantes todas as semanas na aula, dialogavam juntos, com alegria.

46. E então, mesmo quando caímos no equívoco de querer apre(e)nder a língua, era momento nos lembramos do professor Augusto quando nos pergunta: *quando termina o aprendizado de uma língua?*

47. A formação linguística nunca termina, porque a língua se renova⁹.

Pentecostes foi, então, quebrantado, como a graça demanda. Dessa vez, porém, não se sentiu sem forças, debilitado e fraco, como adjetiva o dicionário, nem mesmo unívoco e dependente de mediadores para a compreensão.

No encontro dos estudantes e professores, criou-se linguagem na medida em que traduziam e criavam novos sentidos. Nesse emaranhado de vozes, Pentecostes quis também se emaranhar e, incrivelmente, sentiu-se... feliz.



POR UMA
EDUCAÇÃO
PARA A
LINGUAGEM
NA
ESCOLA

MINNA RODRIGUES



Não vai ter golpe!

Tronizem sem
opressão!



2016



Juiz de Fora Temer



Não vai ter golpe!
Não vai ter golpe!
Não vai ter golpe!
Não vai ter golpe!

“Uma flor nasceu na rua!
Passagem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
Ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.”
Drummond

“Brava gente
brasileira!”

Temer assume
a presidência

“E minha primeira palavra
ao povo brasileiro
é a palavra confiança”
Temer, agosto de 2016



2017
Fora Temer!



I can't
breath



2020

“Eu não sou covardo,
tá certo?”
O inominável, abril de 2020



2018



Bolsonazi eleito



“Ou ficar a pátria livre
ou morrer pelo brasil”

2021

“Tenho sangrado dez mais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro”
Belehir



2019



“Longe vá,
temor servil”



Leandro Faber (as fotografias são autorais)
Maio, 2021



Leandro Faber

Uma leitura [não funcional] dos trabalhos de encerramento do curso **Tópicos Especiais em Linguagem, Cultura e Processos Formativos I: Processos Cognitivos e Educação para a Linguagem**, sob a responsabilidade da Prof^a Marisol Barenco de Mello, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense(UFF).

Uma recomendação preliminar é que, na escola e em qualquer lugar social ‘formativo’, é preciso que se assuma como ‘máxima’ (no sentido kantiano) de qualquer projeto formativo a de não sacrificar, na realização da identidade individual, a alteridade do indivíduo, de não perseguir, para o funcionamento da funcionalidade da troca comunicativa, o apagamento da infuncionalidade da escritura...⁷⁵

1. Em Babel feliz, mais uma vez, MÁRCIA inicia seu texto citando Bocaccio. Por um breve momento, parecia estar lendo o trecho de um algum livro escrito no contexto da pandemia começada em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Bocaccio, contudo, se refere à peste negra, séc. XIV. SÉCULOS DIFERENTES, MALES SEMELHANTES.

Da China também é a lenda do espírito do mal que caminha em linha reta. Assim, em Shangai, “*A ponte em zigue-zague destina-se a evitar que ele passe pela ponte, que vá para o outro lado*”. Até pouquinho, antes desse encontro com as palavras que Márcia enuncia do cotejo com outros textos, desconhecia essa lenda. E nunca tinha pensado no paradoxo da ponte que LIGA, mas que ao mesmo tempo MARCA A DISTÂNCIA entre dois lados (Rancière).

- Márcia, antesmente de ler seu texto, nunca prestei muita atenção às pontes, mas até as achava necessárias. Fruto da engenharia humana, quando muito achava que podiam ser feias ou bonitas, pequenas ou grandes... – **Mas, é que elas também distinguem lados que seguindo em paralelo, nunca se**

⁷⁵PONZIO, Augusto. Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 335 p. Tradução: Marcus Vinícius Borges Oliveira & Marisol Barenco de Mello. p. 50.

tocam – Sim, mas não tem essa coisa de elas tornarem as fronteiras, de alguma forma, capilares, intercambiáveis? Foi nisso que fiquei aqui pensando – **Elas até permitem a passagem de um lado ao outro, Leandro, mas criam para aqueles que a cruzam algo de identitário. Por esse prisma, mais que juntar elas separam...**

– Márcia, agora que você me disse isso, penso que a palavra tem o mesmo poder de aproximar ou de afastar, não é? – Sim, mas, por outro lado, quando sinuosa, não identitária, plurívoca, dialogizada e dialeticamente forjada em movimentos de alteridade, a palavra se torna continente. Assemelham-se, assim, àquelas linhas curvas que sonham (Manoel de Barros).
– Me fez pensar!

2. "**Não sei... só sei que foi assim**" é o grande pulsar do texto de FERNANDA. Ler esse texto "fernandiano" [ouvi isso de Marisol isturdia] é como ir arregalando os olhos em face do espanto. É um texto-poema que vai lá pelas bandas do Sertão de Suassuna, *medievalizando* a palavra e nos desensinando a não-ser. Não sermos *mais do mesmo*, não sermos *mais nós mesmos* e tampouco *para nós mesmos*. É algo sobre sermos *pelo outro* e *com o outro*. Deixar marcar a pele não mais com o ferro quente, mas somente com a palavra alteritária e dialogizada. Afetar-se pelo amor. Ver a beleza das coisas "desimportantes", que nem Manoel de Barros...

É disso e de tanto mais que nos fala Fernanda num diálogo com MAR.E.SOL, que vai alumando coisas boas, bonitas e necessárias. Sentidos e significados outros. E dialoga também com o Professor Augusto, trazendo pequenos e grandes lampejos e cintilâncias daquelas tardes de **Livre Mente**.



Augusto de Lima – MG, 2016 | Foto: Leandro Faber

3. Em sua **Carta a Augusto Ponzio**, MIZA nos chama à responsabilidade e à não indiferença com o outro. É sobre isso, sobretudo, seu texto. A responsabilidade que inevitavelmente se agarra à ciência da linguagem. A não indiferença ao outro como **ATO DE AMOR**, como Marisol e o grupo Atos tão acertadamente traduzem de Bakhtin. Nós que somos professoras, professores e que fazemos pesquisa em Educação nos tornamos responsáveis e não indiferentes ao outro. Este que de forma alteritária nos dá alguma **EXISTÊNCIA**.

Ciente de sua missão de “entender a linguagem como um dispositivo poderoso de transformação do mundo”, como ela mesma escreve, em espanto Miza LEVA A MÃO À GARGANTA com Clarice Lispector. Ademais, questiona e confronta a opressão com Foucault, quando escreve em defesa aos povos quilombolas e indígenas brasileiros. São essas relações dialogizadas e alteritárias que ela devagarinho vai debulhando em seu texto. E debulha bem MIUDINHO. Com Ponzio, estabelece um diálogo que é do presente, porque são novos os sentidos que brotam férteis e livremente. São novas e extraordinárias as tessituras. Miza, escreve-nos também uma carta?!

4. Apólogos. De MIZA, num ensaio segundo, do que ocorreu com a cana e a carnaúba e entre cofos e vagões, uma defesa da pluralidade das culturas. O fim anunciado da carnaúba e de suas irmãs da mata grande é um caminho sem volta? Miza faz essa pergunta e aponta para o risco do monologismo da cana com suas vastas e monótonas monoculturas. Também o avanço dos vagões pelos trilhos da ferrovia, em oposição à preservação das comunidades por ela atravessadas, destruídas e destituídas, deve ser parecido com o atraso de uma língua e de uma linguagem únicas. Quantos frutos são provenientes da diversidade, esta que em perspectiva pode ser inimiga declarada dos avanços tecnológicos, mas amiga da riqueza cultural de um povo! Caetano sabe das coisas...

Os riscos que corre essa gente morena
O horror de um progresso vazio
Matando os mariscos e os peixes do rio
Enchendo o meu canto
De raiva e de pena⁷⁶

5. Para ler **O Mergulho de Katja**, de ANA ELISA, achei necessário um mergulho de conjunto. Quem sabe sem o cilindro de ar comprimido... E nesse texto aquático, antes de submergir olhei ao redor como fez **Katja**,

⁷⁶ Trecho da canção Purificar o Subaé, de Caetano Veloso.

atravessando [com ela] de um meio para o outro. Fronteiras sempre são um bom lugar, ainda mais se permeáveis, capilares. Ela, mulher-golfinho-sereia-água, à medida em que ganhava profundidade, lia os “textos de peixes e corais” daquela cadeia textológica generosa de signos. Buscando seus interpretantes, **Katja** criava sentidos e significados outros, tomando consciência de si e dos seres enquanto material sógnico. Textos aquosos, liquefeitos, caudalosos.

Seria possível conversar com os peixes e corais? Não sei responder, quem sabe Katja? No mundo aquoso imaginado pela mulher-estrela-do-mar, as cores eram distintas da realidade ali penetrada. Talvez na imaginação de Katjahouvessem outros brilhos, como saber com o que sonhava? Mas “muitos olhares foram trocados”. Algo importante acontecera e ela certamente emergiu diferente de quando entrou. Era outra Katja e mesmo os peixes eram outros, quiçá mais alaranjados. Buliçosa que só, também ela me transforma.

6. **“De Cameté, que tarl?”** De HELEN, criada em Cameté/PA. Banhada pelas águas caudalosas do Tocantins e quase chegando à linha do equador pelo lado sul, Cameté fica bem ali, ao norte de Juaba e ao sul de Torrão Mupi. Ai, que vontade que dá... sair de missidade e chegar no Mapará! Cameté é suleamento, é quase lá no marco zero do mundo... é onde começa e termina o Brasil.

Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Oeiras do Pará e Igarapé-Miri arroteiam CAMETÁ, que depois de ler o trabalho-foto-texto poético de Helen, fiquei com saudade de conhecer MAPARÁ...



Istanbul – Turquia, 2016 | Foto: Leandro Faber

7. A esta altura, ajeitei-me na cadeira e fui buscar interpretantes numa xícara de café. *Wittgenstein estava muito longe! Senti-me lento em cada enunciado.* Em “**Neniuscias paroli Esperanton**”, REINALDO faz um movimento em busca de compreender a natureza diversa do HUMANO, que se glorifica e se humaniza pela linguagem em sua diversidade. BECAUSE WE ARE DIFFERENT WE BECOME HUMAN. E QUI STA IN GRAN PARTE LA BELLEZZA CIVILIZZATRICE DI UNA FELICE BABELE! "O humano é por definição aquilo que por natureza que sai da ordem das coisas", como dice Rey, nuestro rey. É também humano o entrelugar, das dazwischen, forse anche il non posto. Para Reinaldo, que busca elementos em Wittgenstein e Quine é justamente na vagueza, na ambiguidade e na plurivocidade que podemos existir e inventar o mundo, nos comunicarmos, sermos quem somos. Il sé esiste ed esiste solo nell'altro, per l'altro, con l'altro. Termineo o texto sem de fato compreender "Gavagai"...

8. Quem não se comunica se trumbica. GEORGINE cruza palavras numa arquitetura repleta de sentidos e significados. No seu arranjo esquelético - que começa com uma pergunta robusta-, entrecruzam-se e confrontam-se tantas falas, pensamentos, signos, interpretantes e interpretados que nos atravessam. **HÁ QUEM PREFIRA "TRESPASSAM", MAS ACHO ESTRANHO. Nós mesmos tecidos trespassados de palavras-cruzadas, caça-palavras, textos interpelados, arquiteturas de fruição.**

Alinhavadas, justapostas, perpassadas, confrontadas, embutidas, escancaradas, interpretadas, tensionadas, interpeladas, desmascaradas, ressignificadas, emaranhadas, atravessadas e seja mais o que for.... mas nunca mortificadas. No engenho de Georgine, as palavras foram **LIVREMENTE ENUNCIADAS.**

9. YÚ. A avó ensinou o netinho a comer! Ensinou a andar, dar um passo após o outro. É isso que VICTOR vem de pronto dizer nesse texto que se tece de memórias. E assim como fazia seu Manuel, ele também não deixa Lúcia para trás. **ANUNCIAÇÃO, MENINA CORAJOSA** que desde cedo enunciava propósitos firmes. E as bombas a explodir em seu coração lá pelos idos de 1945 diziam que a guerra estava longe. Ali a lida era outra. Era lugar por desbravar! **ESPERTA QUE ERA, YÚ ENTENDIA ALEMÃO! Sabia mais que alemão, porque toda vez que contava a mesma história contava de um jeito novo. E eram novos os assombros. É nisso que ela reside.**

Trago no peito costuradas
Contas de memória fresca
Pão quentinho sobre a mesa
O cheiro sobe a escada
Acordo e não vejo nada
O tempo é sua morada⁷⁷

⁷⁷ Trecho da canção **O Tempo É Sua Morada**, da banda francisco, elombre.

Contas de memória fresca. Não precisei sujar as mãos de terra para saber de Lúcia, de sua força e de sua beleza. Esse foi o presente, o *tempo presente* trazido por Victor: DAR A CONHECER YÚ.



Juiz de Fora - MG, 2012 | Foto: Leandro Faber

10. A Cuia, de ANGÉLICA DOMINGAS, é tecido de memórias. Do tempo que se apanhava mangas caídas no chão. Mas, na cuia de Constância cabia mais que mangas. Nela, cinquenta anos depois, é possível colocar o cheiro do tabaco, a água fresca do rio, as tranças do cabelo de sua vó, os porcos a trançar... Porque era mais que uma cuia da cuieira. ERA MIAS QUE UM COITÉ. Eram espaços e tempos vividos. Espaços-tempos da infância de Tancinha. Era Constância menina e era brincadeira de quintal. Era deixar-se afetar com prosa. E por que não poesia?

De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu⁷⁸

Ler Tancinha de Angélica é como voltar às *horinhas de descanso* que repousam nas lembranças ora remotas, ora presentes, ora sabe-se lá onde na sua cabeça. Dos cheiros, das cores, dos gostos, dos querereres... Teimosas recordações. "**Vó um beijo sodade**".

11. Para DANI! Primeira Parte!

Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos os mesmos, mas sabemos mais uns dos outros. (Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas)

Querida Dani, buscando cotejos poéticos para pensar a sua arte ao término do curso, deparei-me com essas palavras de Guimarães:

Faço, contudo, uma ressalva, porque de fato não chegamos ao ponto final. Tudo está [sempre] para começar!

Da parte que nos é comum nessa caminhada, de súbito passou por mim uma alegria grande, na recordação do filme-síntese da sua história recente e que tive a oportunidade de conhecer um pouquinho, na companhia do Grupo Atos.

⁷⁸Trecho da música Dona Cila, de **Maria Gadú**.

A história que vai do DESEJO DE VIR A SER ao NASCIMENTO DE SER MÃE de dois filhos! E tudo isso ressurgue lindamente na arte que você criou. Sua criança VESTIDA DE CONCHA, PEDRA, FOLHA, BARBANTE E AREIA transita espaços-tempos não lineares. A criança que nasce ali afigurada traz consigo toda a sua ancestralidade encarnada.



Angra dos Reis – RJ, 2021 | Foto: Daniele Fontam. Neste mundo, 2021 | Daniele Fontam



Coronel Pacheco – MG, 2021 |

Foto: Leandro Faber

Segunda Parte!

Do segundo texto de DANI, Abraços e Cotejos – O encontro das enunciações de Augusto Ponzio em *Livre Mente* e uma mãe recém-nascida. Já na primeira página desse texto, está claro o entendimento do lugar de privilégio do *outro* na constituição do *eu*. É o *outro* que nos dá existência signíca. Se somos signo, somos pelo *outro*. Se enunciamos, fazemo-lo tão somente *com e pelo outro*. De início, é sobre isso que nos fala Daniele. Com isso, ela reitera a importância de não mortificarmos o *outro* dando-lhe acabamento. Quantas vezes não somos tentados a fazer isso na escola e em outros espaços formativos? E quantas vezes já não fizemos?

O outro momento do texto, ah! Aqui não há olhos que não fiquem cheios de mar! Cheiro de mar! Na morte e vida é que nasce a pessoa outra. A mãe Daniele. Nascem também os filhos Vinícius e Miguel e o pai Felipe. Corajosa, essa mãe recém-nascida encara seus medos e enuncia que irá enfrentá-los, superá-los. Tem a coisa do *All Star* preto que não serve mais, assim como não serve mais o *pê de pato*! Aposto que não deve mais servir também “O rato roeu a roupa do rei de Roma”. Quem nunca? Assim, ela fecha-abre o texto com aquelas fotos de MENINOS AO MAR. E dias depois menino na GARAGEM DA CASCA DO OVO!

12. Textos são também pessoas, de MINNA. “*Ainda não posso escrever essa palavra porque a professora ainda não ensinou essa letra.*” Essa sentença que li no texto da Minna ficou, pululando na minha cabeça. É a grande questão que se coloca no seu texto-trabalho-pós-livramento. De partida ela pergunta: “*o que é a escrita de uma criança?*” Na sua busca de reescrever um texto-projeto e a si mesma, Minna vai também nos reescrevendo, nos indagando e nos deslocando. O QUE É, AFINAL, UMA ESCRITA-INFÂNCIA?

Neste movimento de responder àquilo que lhe provoca inquietações, Minna reencontra a si mesma enquanto aluna e depois como professora de crianças. E as questões não param de enxamear na sua cabeça buliçosa. Como ensinava as crianças? E como pretende ensiná-las **LivreMente**?

Com novas geografias depois do fim do mundo, os espaços-tempos escolares foram modificados e isso gera outras perguntas:

"E se tudo isso fosse a escola? E se a escola (e a universidade) pudesse ser tudo isso? Um lugar de escritura de muitas (e por que não de todas) pessoas-textos?"

Assim, Minna questiona, responde e deixa outras coisas [importantes] por descobrir...

13. Na sua **Pausa para uma Dança**, DENISE nos convida a bailar. Mas não um bailado qualquer. De forma sensível, sincera e bonita, ela traz para esta roda nada menos que o samba. E isso é assunto pra gente bamba. Por isso, em seu texto, ela baila com o Prof. Augusto Ponzio e com Mikhail Bakhtin.

Quem não gosta do samba, bom sujeito não é
É ruim da cabeça ou doente do pé⁷⁹

Assim, gostamos porque não somos nem uma coisa nem outra. Queremos ouvir, dançar, pensar e falar de samba. Compreendê-lo como linguagem, afinal, é disso também que nos fala Denise, de uma educação para a linguagem.

Mas, até as duas primeiras décadas do século XX, aqueles que ousassem praticá-lo pelas ruas eram duramente perseguidos e até presos. Mas como? Impediam o povo de exercer sua arte?⁸⁰

Sim, professor, houve tentativas de silenciamento. Mas como se cala uma cultura? É possível mortificá-la? Me parece que não é o próprio samba que responde a isso. Porque está vivo! A voz do morro está viva e presente na cultura popular brasileira.

Acredito em uma educação para a linguagem que se pretende dialógica e alteritária. Compreendendo a relação alteritária como algo que nos provoca, nos desloca, nos desestabiliza e nos transforma.⁸¹ Educar para a

⁷⁹ Trecho da canção Samba da Minha Terra, de Dorival Caymmi

⁸⁰ Fragmento do texto de PAUSA PARA UMA DANÇA, de Denise

⁸¹ Fragmento do texto de PAUSA PARA UMA DANÇA, de Denise

linguagem significa ver de muitas faces diferentes e ver muitas possibilidades de mundo.⁸²

14. LivreMenteLivre(Meta)Memórias em Diálogo, de ALAN, é um "texto audiovisual" narrativo na forma de relato pessoal que busca seus elementos nas (meta) memórias. É uma escrita em muitas dimensões que conduz o leitor por linhas que não são lineares, são montanhosas e volúveis, afinadas com a voz de Tetê Espíndola e perpassadas pela poesia de Manoel de Barros e de Mário Quintana, entre outros autores e obras ali reunidos.

São palavras ruidosas, buliçosas, PONTAS DE ICEBERGS, montanhas-russas. Sem se poupar, Alan abre-se para si mesmo e para o outro de forma sonora, sensorial, sincera e sensível. QUANTOS ÉSSES?! Na sua Babel Feliz as vozes são muitas e vêm de todos os lados, de dentro e de fora, de cima abaixo, vêm de si e do outro, numa torrente sem fim.

"O QUE SIGNIFICA IMPÁVIDO COLOSSO"?

⁸²Trecho da fala de Augusto Ponzio, do discurso no lançamento de seu livro Livre Mente, no Brasil, em uma conferência organizada pelo GELPEA – Grupo de Estudos de Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia, transmitida em 31/03/2021.

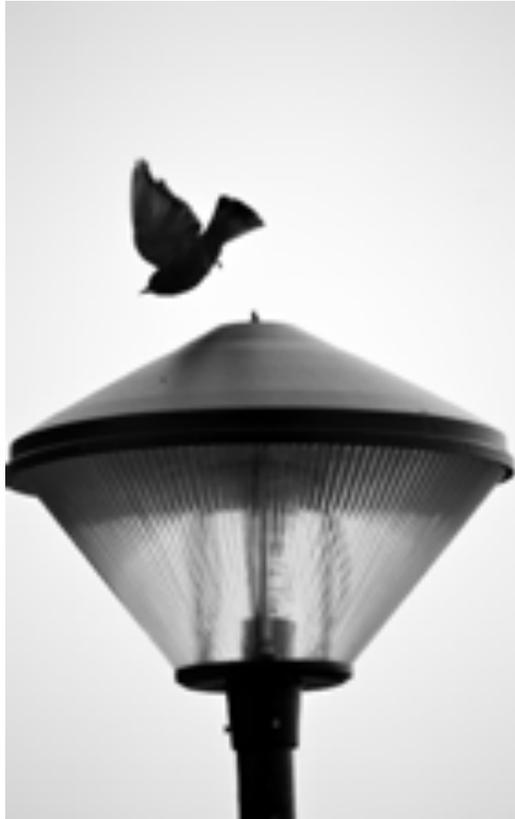


Juiz de Fora - MG, 2016 | Foto: Leandro Faber

15. Pentecostes Feliz. NATÁLIA. Ler o texto de Natália é ir se assombrando de tanta beleza de Pentecostes. Mais de cinquenta dias depois de findo o curso que nos juntou, como ela mesma diz, em torno de uma única coisa constante - a tela -, tudo que nos aclarou e alargou a consciência permanece reverberando. Destes MUNDOS NOVOS e renováveis de que nos conta Natália em sua escritura, há, sobretudo, a potência da palavra dialogizada. Melhor dizendo, da PLURIDISCURSIVIDADE DIALOGIZADA, como nos trouxe Marisol em diálogo com Augusto Ponzio e Mikhail Bakhtin. Também com professoras e professores, eternos estudantes.

Quantas coisas lindas estamos ainda por criar, neste movimento incessante de transformação de nós mesmos enquanto escrituras. TEXTOS ABERTOS, rios que se transformam em braços de mar e depois em oceanos. Tantas vozes, pensamentos, querereres... tantos saberes compartilhados, incontáveis SENTIDOS OUTROS.

"Nesse emaranhado de vozes, Pentecostes quis também se emaranhar e, incrivelmente, sentiu-se feliz." (Natália)



Juiz de Fora – MG, 2015 | Foto: Leandro Faber

16. Babel Feliz, por MARIA LETÍCIA

Outrora todos os homens falaram somente uma língua (Augusto Ponzio)

A Babel Feliz afigurada por Letícia, sua torre habitada com janelas infinitas, ergue-se do chão ao firmamento. Arrodeada por muitos elementos, também ela em sua constituição é plural. São camadas que ali estão sobrepostas, como nas pinturas de Bruegel (séc. XVI) e de Augusto Ponzio (presente), mas que bem poderiam ser trespassadas, numa (con)fusão sem fim.

Por desígnio divino, em dado tempo “os homens começaram a falar diferentes línguas e linguagens que, dia após dia, se tornaram cada vez mais numerosas” (PONZIO, 2020, p. 177). O pseudo castigo se transfigura em dádiva e foi assim que as palavras tornaram-se plurivocais, alargando-se a própria consciência humana.

Atravessar essa Babel por todos os lados é compreendê-la em sua pluralidade de línguas e de linguagens, deixando-se afetar pela palavra outra. O monolinguismo pré-babélico dá lugar a novos mundos, onde se ampliam as possibilidades de sentidos e significados outros, de novas línguas e de “multiplicidade de linguagens dentro de uma mesma língua” (idem, p. 180). Em sua (re)criação estética, Letícia faz um movimento que vai ao encontro desse plurilinguismo pós-babélico. Viva Babel Feliz!

Babel Feliz (2021) por Maria Letícia



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução: Valdemir Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance*. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARTHES, Roland. O Rumor da língua. 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas v. 1). São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BOCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Trad. Ivone C. Benedetti. 1. Ed. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2013.

DELL'ATTI, Emanuele. *A capacidade semiótica como diferença espécie-específica do animal humano*. Trad. Marisol Barenco de Mello. In: Miza Carvalho, Natália Abreu; Reinaldo Lima (orgs.) *CADERNO DE ESTUDOS I: Arte e Afiguração*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.

LIMA, Márcia Fernanda C. *“Vem ver, Renatinha, uma froza!”: A criança, o poeta e a poesia numa tese-ninho*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2020.

LISPECTOR, Clarice. Anunciação. In: *A descoberta do mundo*. Apresentação de Vera Queiroz. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

NEVES, Liliane. *Formação como escritura – um estudo bakhtiniano com coletivos de professoras*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2021.

PONZIO, Augusto; CALEFATO, Patrícia; PETRILLI, Susan. *Fundamentos da Filosofia da Linguagem*. Trad. Epharaim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PONZIO, Augusto. *Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem*. Trad. Marcus Vinícius Oliveira e Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

QUINE, W.V.O. *De um Ponto de Vista Lógico*. 1ª ed., São Paulo, Editora Unesp, 2011.

SANTOS, Ana Elisa A. *Os Doze Trabalhos de Héracles: um estudo em doze ensaios sobre a prática do teatro escolar*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2020.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. Rio de Janeiro: Biblioteca Áurea, 1974.

VOLÓCHINOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

AUTORAS E AUTORES

Alan Silus

É Professor do Ensino Superior, atuando nas áreas de Letras, Cultura e Educação. Vice-Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Educação e Infância/ Teoria Histórico-Cultural - GEPLI/THC e aluno regular do Doutorado em Letras - Estudos Literários ambos na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campus de Três Lagoas. Contato: alan.silus@ufms.br

Ana Elisa Al'San

É professora de Artes Cênicas da Rede Municipal do Rio de Janeiro, graduada em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em sócio-sexologia pela Universidade Gama Filho. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF – RJ); pesquisadora do Grupo de Estudos Bakhtinianos – ATOS/UFF, estudando o teatro na filosofia da linguagem como enunciação em compreensão respondente.

Ana Lúcia Adriana Costa e Lopes

É professora da Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora, atuando no Centro de Formação do Professor, é psicóloga, licenciada em Psicologia da Educação, Doutora pela Universidade Federal Fluminense, pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa Bakhtiniano - ATOS/UFF, no qual pesquisa crianças, infâncias e aprendizagem.

Angélica Domingas Pacheco da Silva de Proença

É professora da Rede Municipal de Educação de Petrópolis, diretora da E. M. Leonardo Boff, mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis, militante social do Movimento das Comunidades Populares- MCP, membro participante do Grupo de pesquisa Atos/UFF - grupo de estudos bakhtinianos, com estudos relacionados à educação popular e luta social.

Augusto Ponzio

Professor Ordinário de Filosofia e Teoria dei Linguaggi e Professor Emérito, ensinou na Universidade de Bari “Aldo Moro” de 1970 a 2014 Filosofia da

Linguagem e de 1999 a 2012 Linguística Geral. Atualmente foi nomeado “Cultore della materia”, no departamento de Letras, Línguas, Artes, italianística e culturas comparadas da mesma Universidade. Tem centenas de publicações, traduzidas em diversos idiomas, entre eles o português, desde a década de 1970, no Brasil. Dirige coletâneas e escreve sobre Semiótica, Linguística Geral, Bakhtin, Barthes, Lévinas, entre outros, e traduz poesias, romances e textos. Uma referência internacional nos estudos de Filosofia da Linguagem.

Daniele Fontam do Nascimento Cerqueira

É formada em pedagogia (UFF), pós-graduada em Alfabetização das Classes Populares (UFF), pós-graduada em Psicopedagogia (UNINTER) e Mestra em Educação (UFF). Professora alfabetizadora e Psicopedagoga.

Denise Santos Lima

É professora do Departamento dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, pedagoga pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mestre e doutoranda em Educação pela Universidade Federal fluminense (UFF) e pesquisadora do Grupo de Estudos Bakhtinianos - Atos/UFF, no qual pesquisa autorias infantil e docente trabalho com linguagem na escola.

Georgine Botelho Tostes

Graduação em Serviço Social. Universidade Federal Fluminense, UFF/1998. Especialização em Pedagogia Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil.

Helen do Socorro Rodrigues Dias

Doutoranda em Educação- UEPA. Mestrado em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas pelo Instituto de Educação Matemática e Científica - IEMCI/UFPA (2019). Licenciatura Plena em Biologia. Professora SEDUC-PA. Ciências Humanas. Área Educação. Educação Especial. E-mail: helensrdias@gmail.com.

Leandro Faber

É formado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e é professor dessa disciplina na Educação Básica, desde 2002, Mestre em Geografia, pela Universidade Federal Fluminense (Niterói – RJ). Atualmente, cursa o Doutorado em Geografia na UNESP de Rio Claro (SP).

Liliane Neves

É membro do Grupo ATOS/UFF- Grupo de Estudos Bakhtinianos, com estudos e pesquisa sobre Coletivos docentes de formação. Doutora em Educação- UFF. Professora no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira- CAP/UERJ.

Márcia de Souza Menezes Concencio

É pedagoga, professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, aposentada da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro, mestre em educação pela linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos, na Universidade Federal Fluminense (UFF – RJ) na qual é pesquisadora do Grupo de Estudos Bakhtinianos – ATOS / UFF e dá continuidade à sua formação acadêmica no doutorado com a pesquisa provisoriamente intitulada “Compreensão Respondente e Escrita: Alfabetização de crianças nos anos iniciais como processos criativos”.

Márcia Fernanda Carneiro Lima

É integrante do Grupo ATOS/UFF- Grupo de Estudos Bakhtinianos, fundadora do Centro Educacional Canto de Criar (Areal-RJ); professora do curso do Pedagogia pela rede estadual FAETERJ (Três Rios - RJ), professora do ensino básico, Doutora em Educação pela UFF (Universidade Federal Fluminense), Mestre em Educação pela UFF. Atualmente é Pós-doutoranda em Cultura Popular Brasileira, orientanda da Profa. Marisol Barenco.

Maria Leticia Miranda Barbosa da Silva

É professora de Artes Visuais do Colégio Pedro II, doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, pesquisadora do Grupo Atos/UFF- grupo de estudos bakhtinianos, no qual pesquisa autorias infantis na escola.

Marisol Barenco de Mello

É professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, doutora em Educação pela PUC-RJ, pesquisadora do Grupo Atos/UFF- grupo de estudos bakhtinianos, no qual pesquisa o Cronotopo na obra de Bakhtin.

Miza Carvalho dos Santos

É professora da Rede Municipal de Búzios. Integrante do Grupo Atos/UFF – Grupo de estudos bakhtinianos. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutoranda pela UFF na linha de pesquisa: Linguagem, Cultura e Processos Formativos, onde desenvolve um trabalho com enfoque na escuta de alteridades e saberes sacrificados da cultura mandinga em Burquina Faso e Mali em cotejo com a cultura mandinga silenciada no Maranhão.

Minna Gondim Marques Rodrigues

É formada em Pedagogia (UNIRIO) e em Psicologia (UFF), Fez mestrado em Educação (UFF) e é estudante de doutorado em educação (UFF). Atua como professora da rede municipal de Niterói. E-mail: minna.gondim@gmail.com

Natália de Abreu Nascimento

É mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense, historiadora e pesquisadora do Grupo Atos/UFF- Grupo de Estudos Bakhtinianos, onde atualmente busca investigar arte, música e educação em uma perspectiva bakhtiniana.

Reinaldo Lima

É integrante do Grupo Atos/UFF- grupo de estudos bakhtinianos, Doutor em Educação pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de fora) e Mestre em Educação pela UFF (Universidade Federal Fluminense); Pedagogo, Professor do Ensino Básico e Supervisor Escolar da Rede Municipal de Areal (RJ). Atualmente é pós-doutorando em Semiótica do Cinema (UFF) orientando da Profa. Dra. Marisol Barenco

Reinaldo Ramos

É formado em Filosofia pela UFRJ e tem doutorado em Educação pela UFF. Atua como docente substituto no Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ e tem como interesse de pesquisa a área de gênero e masculinidades. É também escritor (poesia e prosa) e pai do Benoá. Contato: reinaldoramos@id.uff.br.

Victor Batista Branco

Licenciado em Ciências Sociais pela UFF (Universidade Federal Fluminense), mestre em Antropologia pela UFF (Universidade Federal Fluminense). Integrante do grupo de pesquisa Atos/UFF, grupo de estudos bakhtinianos, realizando estudos nos campos da filosofia, da estética e da educação. Atualmente, faz pesquisa sobre formação a partir da filosofia da linguagem bakhtiniana.